

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE PARANAVÁI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR

ANA PAULA CHECONI RODRIGUES

UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO: ANÁLISE DAS IDEIAS DE  
VICENTE DE BEAUVAIS A PARTIR DE ESTUDOS DE JAVIER  
VERGARA

ANA PAULA CHECONI RODRIGUES

PARANAVÁI  
2019

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE PARANAVÁI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO: ANÁLISE DAS IDEIAS DE  
VICENTE DE BEAUVAIS A PARTIR DE ESTUDOS DE JAVIER  
VERGARA**

**ANA PAULA CHECONI RODRIGUES**

**PARANAVÁI  
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ  
CAMPUS DE PARANAÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO  
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO: ANÁLISE DAS IDEIAS DE VICENTE DE  
BEAUVAIS A PARTIR DE ESTUDOS DE JAVIER VERGARA**

Dissertação apresentada por ANA PAULA CHECONI RODRIGUES, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientadora:

Prof<sup>(a)</sup>. Dra.: CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN

PARANAÍ  
2019

Ficha elaborada pela Biblioteca da UNESPAR, Campus de Paranavai  
Bibliotecária Responsável: Vânia Jacó da Silva, CRB 1544-9

R696p Rodrigues, Ana Paula Checoni  
Uma perspectiva de formação: análise das ideias de Vicente de Beauvais a partir de estudos de Javier Vergara / Ana Paula Checoni Rodrigues.– Paranavai: Unespar, 2019.  
xii, 80 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavai, Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR; área de concentração: Formação Docente Interdisciplinar.

Orientador: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin;  
Banca examinadora: Prof. Dr. Sezinando Menezes, Profa. Dra. Terezinha Oliveira.

#### Bibliografia

1. História da Educação. 2. Ensino. 3. Idade Média. 4. Formação Humana. 5. Aprendizagem. I. Título. II. Beauvais, Vicente de. III. Vergara, Javier. IV. Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar.

CDD 20. Ed. 370.9

ANA PAULA CHECONI RODRIGUES

**UMA PERSPECTIVA DE FORMAÇÃO: ANÁLISE DAS IDEIAS DE VICENTE DE  
BEAUVAIS A PARTIR DE ESTUDOS DE JAVIER VERGARA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Conceição Solange Bution Perin (Orientadora)  
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Paranavaí

---

Prof. Dra. Terezinha Oliveira  
Universidade Estadual de Maringá – UEM – Maringá

---

Prof. Dr. Sezinando Luiz Menezes  
Universidade Estadual de Maringá – UEM – Maringá

Data de Aprovação:

29/03/2019.

*Aos meus pais, Elias e Maria do Carmo,  
que muito se dedicaram, zelosos com  
minha formação.*

*Ao meu esposo Danilo, sempre  
companheiro.*

Diante dessa fase de significativas experiências, agradeço...

A Deus, Pai de amor, que com misericórdia me sustentou e me fortaleceu durante esse rico processo de formação pelo qual tive angústias, perdas e conquistas. Que por meio de sua Palavra e de amigos-irmãos, foi meu consolo nesta terra.

Ao meu querido esposo Danilo, que com muita sabedoria, dedicação e paciência, prestou demasiado auxílio, foi colo e calma nesta caminhada que foi tão significativa para nós.

Aos meus pais, Elias e Maria do Carmo, que acreditam no poder transformador da educação e investiram em minha formação pessoal e profissional, mais incentivadores ainda na formação espiritual.

Ao meu irmão, João Lucas, parceiro nas madrugadas de estudo e sempre com poucas e boas palavras me trouxe ânimo quando precisei.

Aos amigos e amigas, de perto ou de longe, que entenderam a minha ausência e mesmo assim estiveram na torcida.

À prestativa amiga catarinense, Ana Laura, sempre disposta a ouvir meus desabafos, que não mediu esforços para me ajudar a ter foco na caminhada deste sonho.

Às colegas de profissão, que estiveram de prontidão e que com muito carinho me auxiliaram a conciliar o trabalho com os estudos: Wully, Carla Danielly, Rita de Cássia e Nataliê. Em especial à Nilza, pelos conselhos pós-expediente no começo dessa jornada; e à Ana Paula, que me acolheu em sua escola, diretora na época, e se dispôs a flexibilizar os horários de trabalho.

À equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Alto Paraná, que se esforçou para que eu pudesse prosseguir com os estudos e comparecer aos eventos do Programa.

À coordenação e direção do CMEI Ana Nery, Alto Paraná, que foram compreensivas durante a fase final da escrita deste trabalho.

Aos colegas da quinta turma do PPIFOR – Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar da UNESPAR (Campus Paranaíba), pelas discussões e companheirismo que fizeram diferença em parte desta jornada.

Aos professores doutores da banca examinadora, Sezinando Luiz Menezes e Terezinha Oliveira, suas contribuições foram de extrema relevância para a continuação deste trabalho. Observações pontuais que direcionaram não apenas o estudo, mas marcaram a minha formação profissional.

À minha estimada orientadora, professora doutora Conceição Solange Bution Perin, quem muito contribuiu com a minha formação acadêmica e profissional e me acolheu com tanto carinho. Suas orientações e correções foram essenciais para a minha formação enquanto pessoa, sou eternamente grata!

*A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente.*

Marc Bloch

RODRIGUES, Ana Paula Checoni Rodrigues. Uma perspectiva de formação: análise das ideias de Vicente de Beauvais a partir de estudos de Javier Vergara. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientador: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2019.

## RESUMO

Este trabalho traz a discussão sobre a formação de mestres e alunos de acordo com as ideias de Vicente de Beauvais (1190-1264) apresentadas em sua obra “Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles”, sendo esta traduzida pelo historiador e pesquisador Javier Vergara. A análise da pesquisa está pautada na primeira parte desta obra, “Formação literária dos filhos” e a problemática desta reside nas mudanças que o fenômeno urbano do século XIII exerceu sobre o ensino dessa época. Inferimos que os princípios apresentados por Vicente de Beauvais sobre a educação de seu tempo residem na prática da disciplina, pois a proposta de ensino deste dominicano contemplava a formação moral dos filhos do rei Luís IX. Para isso, foi preciso identificar alguns acontecimentos deste período, especialmente entre os séculos XII e XIII; demonstrar as influências de alguns autores sobre os escritos de Beauvais; e verificar suas ideias sobre a formação humana, considerando o papel do mestre e do discípulo no processo de ensino. Justificamos que revisitar os clássicos é uma tarefa que nos proporciona um melhor entendimento sobre as questões de nosso tempo, ou seja, sobre a formação do homem. Para dissertar sobre as ideias apresentadas, fundamentamos o presente estudo em autores como Le Goff (1992, 1999, 2006, 2007a, 2007b), Duby (1994), Bloch (1982), Vergara (2011), Oliveira (2013) e Franco Jr. (1989).

**Palavras-chave:** Ensino; Idade Média; Vicente de Beauvais; Formação humana; Aprendizagem.

RODRIGUES, Ana Paula Checoni Rodrigues: **A perspective of formation**: analysis of the ideas of Vicente de Beauvais from studies of Javier Vergara. Dissertation (Master in Teaching) – State University of Paraná. Supervisor: Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2019.

## ABSTRACT

This study brings into discussion the formation of masters and students according to the ideas of Vicente de Beauvais (1190-1264) presented in his work “Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles”, being this one translated by the historian and researcher Javier Vergara. The analysis of the research is based on the first part of this book, “Literary formation of children”, whose problematic resides in the changes that the urban phenomenon of century XIII exerted on the teaching of that period. It is possible to infer that the principles proposed by Vincent de Beauvais about the education of his time reside in the practice of the discipline, as the teaching proposal of this Dominican contemplated the moral formation of the children of King Luís IX. For this purpose, it was necessary to identify some events of this period, especially between centuries XII and XIII; to demonstrate the influence of some authors on the writings of Beauvais; and to verify his ideas about human formation, considering the role of the teacher and the disciple in the teaching process. We justify that revisiting the classics gives us a better understanding of the issues of our time, that is, about the formation of man. In order to discuss the ideas presented, we base the present study on authors such as Le Goff (1992, 1999, 2006, 2007a, 2007b), Duby (1994), Bloch (1982), Vergara (2011), Oliveira (2013) e Franco Jr. (1989).

**Keywords:** Educational Methods; Middle Ages; Vicente de Beauvais; Human Formation; Learning.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>14</b> |
| <b>2 VICENTE DE BEAUVAIS, SEU TRATADO E SEU PERÍODO.....</b>                                    | <b>22</b> |
| 2.1 BREVE BIOGRAFIA.....  | 22        |
| 2.1.1 SOBRE OS ESCRITOS DE BEAUVAIS.....  | 25        |
| 2.2 O <i>TRATADO SOBRE LA FORMACIÓN</i> : QUESTÕES A SEREM PENSADAS.....                        | 31        |
| 2.2.1 O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES E O RESPECTIVO CRESCIMENTO DAS UNIVERSIDADES.....           | 32        |
| <b>3 SOBRE COMO ENSINAR E COMO APRENDER PARA BEAUVAIS.....</b>                                  | <b>39</b> |
| 3.1 OS AUTORES QUE INFLUENCIARAM BEAUVAIS A FORMULAR AS IDEIAS DE COMO FORMAR O MESTRE.....     | 43        |
| 3.1.1 CONTRIBUIÇÕES DE CARÁTER MORAL.....   | 43        |
| 3.1.2 UM VIÉS DIDÁTICO: AS QUALIDADES DO MESTRE E OS REQUISITOS SOBRE COMO SE DEVE ENSINAR..... | 45        |
| 3.2 AS IDEIAS SOBRE A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO.....  | 50        |
| 3.2.1 O ENSINO NO SÉCULO XIII: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS CONTEÚDOS.....                            | 51        |
| 3.2.2 RELAÇÃO ENTRE O MESTRE E O ESTUDANTE.....   | 54        |
| <b>4 AS NECESSIDADES DA FORMAÇÃO PARA VICENTE DE BEAUVAIS.....</b>                              | <b>61</b> |
| 4.1 DISPOSIÇÃO NATURAL, DISCIPLINA E EXERCÍCIO COMO NORTEADORES DO PROCESSO DE FORMAÇÃO.....    | 62        |
| 4.2 UMA PROPOSTA QUE ENFATIZA OS VALORES MORAIS E A FORMAÇÃO HUMANA.....                        | 75        |

**CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 77**

**REFERÊNCIAS..... 79**

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo é uma análise, sobre as ideias de formação dos filhos dos nobres do século XIII, para que possamos compreender sobre a importância do papel do mestre e do discípulo deste tempo, tendo o conhecimento<sup>1</sup> como elemento essencial para a formação humana. Esta formação é tema da primeira parte da obra *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles*, de Vicente de Beauvais, frade dominicano deste período que ficou conhecido como um enciclopedista<sup>2</sup> de seu tempo que compilou grandes obras clássicas, como parte de seu ofício na Ordem dos Pregadores, e que sintetizou suas ideias sobre como o mestre deveria ensinar e como as crianças e discípulos deveriam aprender nessa produção.

A obra é permeada pelo contexto do século XIII e, a partir da análise desta, emergiu certa inquietude: qual o impacto do fenômeno urbano, entre os séculos XII e XIII, sobre o modo de ensinar? Cientes de que se trata de um vasto período, focamos nos acontecimentos do século XIII, tempo em que o referido clássico foi escrito. Nos perguntamos também de que maneira o estudo da obra poderia contribuir para os nossos dias no tocante à relação professor-aluno ao passo em que entendemos que o autor trabalha a questão humana durante o processo de ensino.

Beauvais nos mostra, por exemplo, que durante um debate, os jovens já avançados no ensino precisam considerar certos aspectos - não apenas a ordem ou moderação - para que aconteça uma discussão que enriqueça ambas as partes no sentido de adquirir mais conhecimento a partir do ponto de vista do outro; ressalta que o debate acalorado pode gerar ofensas e a ausência da verdade – o que tornaria tal atividade desnecessária, já que o que se busca é o verdadeiro conhecimento. Logo, o autor nos diz por meio deste clássico<sup>3</sup>, o *Tratado*, que

---

<sup>1</sup> Vale lembrar que aqui tratamos do conhecimento como elemento que constitui a formação humana. Vimos, por meio do historiador Javier Vergara, que Vicente de Beauvais propôs ideias formativas (tanto para quem ensina quanto para quem aprende) embasadas de valores morais e virtudes que devem permear o comportamento e, conseqüentemente, a formação do homem.

<sup>2</sup> Sobre este termo temos em Le Goff (2007, p. 33) uma passagem explicativa: “[...] durante toda a Idade Média, a enciclopédia será um gênero favorito dos clérigos e dos leigos instruídos, pois oferece o essencial da cultura anteriormente adquirida e permite ir mais longe”.

<sup>3</sup> Ressaltamos que esta noção de “clássico” está pontuada neste trabalho de acordo com o nosso entendimento atual, século XXI, de obras clássicas: aquelas que, mesmo escritas em tempo e local diferentes, faz com que reflitamos sobre os dias de hoje.

precisamos ter a humildade de ouvir o próximo; escutá-lo com a mente “limpa”<sup>4</sup> para que seja possível entender e concluir seu posicionamento.

Como professora atuante na rede pública de Educação Infantil, parte da Educação Básica, percebo que são questões que precisam ser entendidas ainda hoje, no século XXI. Dentre outras razões, reside aqui o interesse particular pela investigação a ser feita neste trabalho, pois o que autor versou acerca destas questões no século XIII, mesmo que direcionado aos filhos dos príncipes de seu tempo, são ideias sobre como ensinar e como aprender que merecem ser estudadas em se tratando de um conhecimento que contribui para a nossa reflexão sobre a formação humana.

Buscamos, neste autor, contribuições para os dias atuais, mas para que isso aconteça é preciso antes compreender a educação daquele tempo. Desde já, sublinhamos sob a perspectiva de Bloch (2001) que nosso trabalho está respaldado na História Social, visto que ele nos alerta sobre o comportamento diante de uma história distante da que estudamos – neste caso, a Idade Média.

Por isso, quando nos dedicamos ao estudo de obras clássicas não devemos “[...] [considerar] a época em que [os autores clássicos] vivem como separada das que a precederam por contrastes vivos demais para trazer em si mesma sua própria explicação. Esta é também a atitude instintiva de muitos curiosos simplistas” (BLOCH, 2001, p. 62). Desta forma entendemos que ao analisarmos sobre a problemática deste estudo, que é compreender como os acontecimentos do meio social influenciaram a educação, o primeiro passo é identificar e entender o contexto em que o *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles (1246)* foi redigido e, pouco a pouco, de que maneira sua obra propôs respostas àquele tempo.

Sabemos que o período medieval assistiu à inúmeras transformações desde os séculos XI-XII, tanto no modo como os homens se organizavam como no aspecto econômico desse tempo, isso porque conforme eram estabelecidas as corporações de ofício, desenvolviam-se também, cada vez mais, as relações e comunicações entre os homens.

Dito isso, assinalamos que nossa intenção é fazer alguns apontamentos sobre os séculos XII e XIII e, a partir desses esclarecimentos, será possível

---

<sup>4</sup> Entendemos que o autor se refere ao modo com que o discípulo deveria posicionar-se em um debate de modo que não houvesse pré-conceitos sobre a posição de quem se opõe à sua ideia. Assim, a discussão torna-se o mais próximo possível do conceito que se busca compreender.

mensurar a importância dos escritos de Beauvais para seu período, os quais também podem servir para os nossos dias.

O dominicano pontuou, por exemplo, sobre como seria a postura ideal dos preceptores dos filhos do rei Luís IX; e hoje, no século XXI, compreendemos que se trata de um princípio que também deve permear nossa prática em sala de aula. Uma dessas suas indicações diz respeito ao desenvolvimento da eloquência para quem ensina, conferindo importância ao comportamento do mestre para que o discípulo pudesse compreender seus ensinamentos. Segundo Beauvais, “[...] la gesticulación también ayuda al hombre para enseñar, porque, como dice Valerio Máximo en el libro VIII (de los *Hechos y dichos memorables*), ‘los adornos de la elocuencia consisten en una pronunciación adecuada y en un movimiento conveniente del cuerpo’” (BEAUVAIS, 2011, cap. II, 2,6.4, p. 41).

Deste modo, compreendemos que o processo de ensino é entendido e pautado num contexto não só histórico, mas também social, econômico e cultural, então não se torna viável analisar as propostas de grandes mestres e intelectuais de determinado período sem que haja a compreensão do momento em que viveram e escreveram.

Em função disso, estamos em face de um período histórico em que o crescimento do comércio ocasionou a proximidade entre os homens, isto é, as relações humanas foram intensificadas. Por isso, de acordo com Bloch (1982, p. 101), os clérigos<sup>5</sup> desempenharam um papel importante neste momento “[...] como intérpretes do pensamento dos grandes e também como depositários das tradições políticas”.

A vida secular ali mencionada é uma realidade emergente do tempo de Beauvais, meados do século XIII. Com o crescimento das cidades e o estabelecimento das universidades (OLIVEIRA, 2013), o conhecimento passou a ser mais buscado a fim de alcançar a sabedoria e a graça divina por meio das letras. Neste sentido, situamos o recorte maior deste estudo: o contexto educacional dos homens desse medievo, mas, em particular, a educação dos príncipes sob a perspectiva de Beauvais. Para que o estudo fosse realizado, objetivamos na

---

<sup>5</sup> Vale ressaltar, de acordo com a ideia de Brocchieri (LE GOFF, 1989, p. 126) que “[...] apesar do singular processo de laicização da figura, os clérigos surgem como um grupo bem individualizável e como uma força que, na sociedade daqueles séculos, dirigia quer a organização quer as divergências”.

segunda seção apresentar ao leitor uma compreensão da vida deste dominicano, articulando seus escritos com os acontecimentos daquele tempo.

Buscamos reconhecer as influências de Beauvais junto à análise de sua obra. Isso porque, dentre autores antigos, patrísticos e demais representantes da escolástica, o frade dominicano recorreu, por exemplo, a São Jerônimo (347-420), Santo Agostinho (354-430), Boécio (480-524), Bernardo de Claraval (1090-1153) e Hugo de São Vitor (1096-1141) para fundamentar sua produção acerca de como os mestres deveriam ensinar as crianças nobres, isto é, os requisitos de um bom mestre; e como os príncipes deveriam aprender e se comportar frente àquela sociedade.

De acordo com Bloch (1982, p. 127), naquele tempo de progresso, “[...] mais do que nunca, ela [a instrução] baseava-se na imitação dos modelos antigos, talvez não mais venerados, mas melhor conhecidos, melhor compreendidos, mais sentidos [...]”. Assim, justificamos aqui como analisamos a obra, pois recorrer a outros autores e interpretá-los fazia parte do ofício deste dominicano.

Ressaltamos que, apoiado nesses autores, Beauvais sistematizou um manual com ensinamentos sobre a formação para os preceptores dos filhos dos nobres. De teor não só religioso por estar pautado nas Escrituras Sagradas, mas também político e moral, o autor reuniu em *De eruditione* ou *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles* princípios teóricos e práticos a serem seguidos para que fosse possível, por meio da educação, restaurar a imagem de Deus na vida do homem. Cabe evidenciar que essa questão da restauração divina no homem provém da escolástica, ou seja, modo de pensar o ensino articulando a fé e a razão por meio do ensinamento nas universidades daquele momento.

Compreendemos sobre este período de análise, que a forma como os homens buscavam conhecimento se dava pela fé, obtida por meio das Escrituras Sagradas, e da razão. Verificamos isso em Beauvais (2011, cap. I, 1,7, p. 25) quando o autor menciona que “[...] porque los hombres deben ser formados desde su niñez no solo en las costumbres sino también en la ciencia, se dice en el libro del Eclesiástico 6,18: ‘Hijo mío, desde tu mocedad asume la doctrina y hasta tu ancianidad hallarás sabiduría’”. Também observamos em Le Goff (2007, p. 48) a seguinte afirmação:

[...] a partir de Agostinho, e isso é verdadeiro de um modo geral na Idade Média, os dons do Espírito Santo se concentram na ciência. É legítimo estabelecer uma relação entre a presença crescente do Espírito Santo a partir do século XII e o desenvolvimento e, até mesmo, a democratização do saber. O saber não é mais privilégio dos clérigos, e em particular dos monges, **mas, através das escolas urbanas, das universidades e de um método bem definido pelo próprio nome, a escolástica, o Espírito Santo dirige a Deus, em seu domínio de onisciência e onipotência, o setor da ciência, pelo qual se torna o principal responsável [grifo nosso].**

Neste sentido, o historiador indica em outra obra que: “[...] la escolástica es hija de las ciudades” (LE GOFF, 1999, p. 71), pois com a emergência dos centros escolares urbanos, o ato de ensinar tornou-se um ofício. Acreditamos que por interesse em dedicar-se a este ofício e de acordo com os estudos de Vergara (2011) foi que Beauvais deixou a Ordem dos Pregadores e se dirigiu a Paris, pois, em suas palavras: “[...] en París los escolares que proceden de tierras lejanas, se afanan con más ahínco en el estudio continuo, y consecuentemente aprovechan más” (BEAUVAIS, cap. VI, 6,7.3, 2011, p. 97).

Diante do exposto, cabe a nós apontar uma das dificuldades deste estudo: Beauvais foi um copista<sup>6</sup> que não nos deixou muitas informações a seu respeito. Sendo assim, o que temos em mãos, a nossa fonte de pesquisa é fruto de uma produção teórica traduzida pelo estudioso Javier Vergara junto ao GEMYR – *Grupo de Estudios Medievales y renascentistas*, uma edição bilíngue (latim-castelhano) que é composta por duas partes.

A primeira, escrita por Vergara (2011) é formatada pela “Introdução”, em que o estudioso situa as motivações da pesquisa sobre o dominicano e sobre o que a obra aborda de modo geral, e pelo “Estudo Preliminar”, que consiste em seis capítulos abrangentes e explicativos sobre o tratado que ele chamou de belvacense. A segunda parte é a edição bilíngue *De eruditione filiorum nobilium* ou *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles* traduzida com citações e passagens feitas por este historiador, disponibilizadas em latim e em espanhol. Assim, justificamos que muitos dos dados biográficos do autor e a respeito de seu ofício serão apresentados com a referência do estudioso Vergara (2011), enquanto frutos de suas inúmeras pesquisas e de seu grupo já mencionado.

---

<sup>6</sup> Salientamos neste momento do presente estudo que, para este período da Idade Média, a atividade dos monges copistas era uma atividade natural como forma de se aproximar dos textos antigos.

Para estudarmos este clássico redigido em 1246 e compreendendo o cuidado que devemos ter a fim de que não caiamos em anacronismos, fundamentamos este estudo em historiadores e estudiosos do medievo, tais como: Le Goff (1989, 1992, 1999, 2006, 2007a, 2007b), Duby (1994), Bloch (1982), Oliveira (2013), Franco Jr. (1989) e na produção de Vergara (2011), além de outros importantes estudiosos desta área em comum.

Apesar de nosso estudo ser direcionado para responder a problemática levantada, não seria possível chegar a ela sem compreender seu contexto, mesmo com as dificuldades durante a fase de escrita, como as poucas referências bibliográficas encontradas em fontes brasileiras a respeito deste frade dominicano.

Por conseguinte, nos dedicamos em elaborar na segunda seção deste estudo um breve relato sobre a vida e sobre quais foram as principais obras de Beauvais. De modo geral, Vergara (2011) indica que toda a produção deste dominicano no século XIII é classificada em quatro unidades temáticas: obras enciclopédicas, obras teológicas, obras cortesãs e obras duvidosas. No entanto, é apenas sobre a temática das obras cortesãs que esse estudo é pautado. Nessa categoria, se destaca a obra *Opus universale*. Esta encontra-se dividida em três partes: *De eruditione filiorum nobilium*, *De morali principis institutione* e *Epístola consolatoria*. Nesse entendimento, nossa fonte, *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles*, datada em 1246, é um dos livros de *Opus universale*.

A seguir, o que pretendemos é compreender por meio de nossa fonte, a relação dos escritos de Beauvais com as mudanças do século XIII. O que necessita ser adiantado sobre o autor e seu período é que de acordo com o desenvolvimento das cidades, crescem no bojo da Igreja as ordens mendicantes. Segundo Vergara (2011, p. 6):

[...] los mendicantes, en cambio, siguiendo el carisma fundacional de Francisco de Asís (1182-1226) – franciscanos – y de Domingo de Guzmán (1170-1221) – dominicos –, eligieron como centro de su actividad religiosa y pastoral la ciudad. Estas órdenes, dedicadas desde el comienzo a la predicación, comprendieron desde sus inicios la importancia capital de la formación para una eficaz evangelización.

Vemos, portanto, que a complexidade de toda sua produção apresentada anteriormente que expressa a compilação de inúmeros autores é relacionada com seu próprio processo formativo e possivelmente do mesmo processo de seus pares,

uma vez que por meio da pregação no meio urbano, tais mendicantes compreendiam a necessidade desta formação para divulgar as Escrituras Sagradas. Também encontramos em Le Goff (1999, p. 75) os princípios dessa Ordem que teve papel fundamental na vida de Beauvais. Em suas palavras:

[...] los Menores y los Predicadores 'a quienes se llamará dominicos' son la esencia de las órdenes mendicantes que forman, en el siglo XIII, la nueva milicia de la Iglesia. Su originalidad, su virtud, consiste en dirigirse deliberadamente al medio urbano. Intentan dar respuesta a los problemas nuevos de esta nueva sociedad mediante la predicación, la confesión y el ejemplo.

Acreditamos que a partir do exposto, será possível compreender com maior clareza suas ideias sobre os modos de ensinar e de aprender expostas no *Tratado sobre la formación*. Percebemos que, independentemente da época, seja atual ou remota, há destaque para a formação humana no sentido de refletir sobre sua finalidade enquanto sujeito e como esta pode contribuir para o desenvolvimento do meio em que vive.

Seguindo este raciocínio, a terceira seção deste estudo é dedicada em compreender o pensamento de Beauvais para seu tempo, especificamente voltado aos filhos do rei Luís IX da França, ou São Luís como é mais conhecido. Reconhecendo as influências do autor, ponderamos sobre a figura do príncipe como um espelho<sup>7</sup> para a organização dos homens daquele tempo. Portanto, analisaremos com mais afinco a estrutura da obra em questão, sob a hipótese de se tratar de um manual de caráter didático. São cinquenta e um capítulos divididos em quatro temas: formação literária, formação moral, formação matrimonial e educação da mulher. Nos dedicamos especificamente em examinar as ideias expostas nos primeiros vinte e dois capítulos que tratam sobre a “Formação literária das crianças”.

Primeiramente, reconhecemos alguns dos personagens que mais inspiraram os escritos de Beauvais, o que foi possível de afirmar: a obra em questão trata de princípios morais para que a criança nobre de seu tempo fosse educada sob uma

---

<sup>7</sup> Sobre a figura do príncipe nesse período como um exemplo para os homens, Le Goff (2005, p. 350-351) defende que "o século 13, gótico, que busca a felicidade, volta-se para as flores e para os homens. [...] torna-se sobretudo moral. A iconografia se torna uma lição. Vida ativa e vida contemplativa, figurações humanas das virtudes e vícios, colocadas em boa ordem, ornaram os portais das catedrais para fornecer aos pregadores a ilustração de seus ensinamentos morais. [...] A partir de então tudo "se moraliza": bíblias e saltérios, herbários "moralizados" transformam as Escrituras e o ensino religioso em anedotas morais. Florescem os *exempla*".

perspectiva dos bons costumes, de uma boa conduta regada por disciplina e humildade, não perdendo de vista sua fé, pois era um ensino fundamentado nas Escrituras Sagradas.

Para que os filhos do rei Luís IX fossem ensinados dessa forma, Beauvais tratou tanto das qualidades e requisitos ideais para o responsável pela educação destes, quanto fez apontamentos imprescindíveis sobre como a criança deveria aprender e como deveria ser seu comportamento sob esse olhar. Observamos uma forte referência à questão da doutrina, da disciplina e do exercício como atitudes que levariam a formação das crianças à sua excelência e levantamos essa hipótese ao final da pesquisa relacionando com a formação do homem de seu tempo.

Deste modo, na última seção do estudo refletimos sobre a educação como um processo de formação que tem em vista a essência humana. Sob essa perspectiva, compreendemos que o autor sistematizou os conhecimentos daqueles que o influenciaram bem como suas próprias compilações tanto por fazer parte de seu ofício quanto para contribuir para os ensinamentos de sua época. Disso, a nosso ver, resultou o Tratado abordado neste estudo, com ideias para a educação do tempo de Beauvais visando a formação moral dos príncipes do século XIII.

## 2 VICENTE DE BEAUVAIS, SEU TRATADO E SEU PERÍODO

Nesta seção, objetivamos analisar a vida do monge copista Vicente de Beauvais e entender de maneira geral sua formação, pois assim conseguiremos destacar a importância da ordem mendicante da qual fez parte e de que modo os princípios formativos da Ordem dos Pregadores influenciaram sua produção. Vale lembrar que nos valem dos estudos de Javier Vergara (2011) junto a seu grupo de pesquisa, GEMYR.

Além disso, apresentaremos nesta seção o ponto de partida deste estudo, primeira parte da obra *Tratado sobre la formación*, escrita por Beauvais, a fim de compreender não apenas sua estrutura ou as ideias deste sobre o modo de ensinar e de aprender, mas de tentar articular com a problemática em questão, isto é, de que forma o desenvolvimento urbano europeu desse período influenciou a forma de conhecimento do século XIII e a obra em questão, que trata da formação dos nobres.

### 2.1 BREVE BIOGRAFIA

Algumas das informações que apresentaremos sobre Beauvais, estão pautadas no estudo preliminar da nossa fonte de pesquisa, o *Tratado*, feito por Javier Vergara em 2011, visto que este estudo preliminar introduz a edição bilíngue desta fonte – latim e espanhol – fruto de suas pesquisas junto ao grupo GEMYR.

Pouco se sabe sobre o nascimento e local de origem de Beauvais, os dados sobre este monge são poucos e imprecisos. De acordo com alguns historiadores<sup>8</sup>, o que se pode afirmar é que ele nasceu por volta de 1190, na diocese de Beauvais, localizada na vila de Boran-sur-Oise<sup>9</sup>. Nasceu, portanto, em tempos de Felipe

---

<sup>8</sup> Segundo o primeiro capítulo do Estudo Preliminar sobre a obra *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles (1246)*, Javier Vergara indica a referência de dois historiadores que constituíram uma biografia de Vicente de Beauvais, os quais possibilitaram, por meio de seus estudos, as datas aproximadas de nascimento e falecimento desse dominicano, a saber: F. J. QUETIF; J. ECHARD. “*F. Vincentius Bellovacensis*”, em *Scriptores Ordinis Praedicatorum recensiti* (Paris, 1719). 212p apud VERGARA (2011, p. 4).

<sup>9</sup> Vergara (2011, p. 9) aponta que Vicente, em uma de suas obras (*Liber consolatorius pro morte amici*, 1260) se denomina como “*Frater Vincentius Belvacensis*”, e que este termo se repete em outra

Augusto, monarca que governou a França entre 1160 e 1223, antecessor ao pai de Luís IX. Um estudo realizado por Medeiros (2015) sobre a monarquia francesa entre 1180 e 1223, indica que este foi um tempo em que:

[...] a retirada de elementos que exaltavam os símbolos sagrados do cristianismo medieval como a Santíssima Trindade por exemplo, denotam uma transferência do centro de poder da historiografia medieval neste início de século XIII. Ele passa das ordens monásticas para um clérigo, de uma abadia para o palácio real. Conforme a monarquia se solidifica neste contexto, aos poucos os símbolos de sacralidade são retirados para dar lugar a um ambiente cada vez mais secularizado (MEDEIROS, 2015, p. 45).

Tendo em vista essa consideração sobre o contexto de seu nascimento, as informações mais precisas dizem respeito ao seu interesse na busca do saber, quando ingressou, em 1218, no convento dominicano de Saint-Jacques de Paris – antes, Colégio de Saint-Quentin. Segundo estudos do século XIX apontados por Vergara (2011), é provável que Beauvais residiu no citado Colégio de Saint-Quentin da cidade parisiense logo quando chegou e entrou para a Ordem dos Pregadores, sendo esta fundada por São Domingos de Gusmão.

Outro fator que ressalta essa possibilidade, de acordo com esses estudos, refere-se aos professores da primeira geração da Universidade de Paris, os quais fizeram parte da formação dos primeiros dominicanos da Ordem. Foram eles: Guillermo de Auxerre (1144-1231), Alejandro de Hales (1185-1245), Pedro Lombardo (1100-1160) e Filipe, o Chanceler (1160-1236). Deste modo, Vergara (2011, p. 12)<sup>10</sup> indica que Beauvais “[...] adquirió su formación inicial en la naciente universidad parisina. En la ciudad del Sena permaneció más o menos entre 1215 [...] y 1229 [...]”. No entanto, cabe advertir que:

[...] salió Vicente de la universidad parisina sin que hasta ahora sepamos si lo hizo con el grado de licenciado [...]. En torno a esos años, y por necesidades de expansión de la Orden, se sabe que fue enviado junto con otros hermanos a consolidar la casa de Beauvais, erigida en 1225 (VERGARA, 2011, p. 14).

---

obra (*Tractatus de morali principis institutione*, 1263), sendo este gentílico portanto derivado da diocese de Beauvais imprimindo veracidade à localização de seu nascimento.

<sup>10</sup> Tradução nossa.

Neste momento, antes mesmo de apresentar um pouco mais sobre sua formação na Universidade de Paris, que nos levará a compreender como foi sua proximidade com a realeza, gostaríamos de ressaltar o contexto em que as ordens mendicantes apareceram naquele momento, pois elas:

[...] originaram-se do agudo sentimento que tiveram alguns homens e mulheres, principalmente dois, Domingos de Osma [de Gusmão] e Francisco de Assis, da inadaptação das estruturas e práticas da Igreja às condições de um mundo submetido a uma aceleração da história. Suas motivações conscientes eram sobretudo, para o primeiro, a luta contra a heresia e, para o segundo, a luta contra o dinheiro (LE GOFF, 1992, p. 45).

Compreendemos, de acordo com esse autor, que essas Ordens se tratavam de mudanças nos aspectos político, social, cultural e religioso e que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do conhecimento nas escolas e Universidades. É necessário considerar que Beauvais fez parte da Ordem de São Domingos de Gusmão, ou seja, de um período da história, dentre os séculos XII-XIII, em que a mentalidade dos homens sofrera mudanças de acordo com a influência da Igreja em suas vidas. A fim de complementar esta afirmação, vemos que Duby (1994, p. 234-235) indica a mudança cultural iniciada em meados do século XII e que mais tarde culminou na tentativa por uma organização social laica:

[...] no Norte da França começam a vislumbrar-se, por volta de 1120, [...] modificações provocadas [...] pela amplificação do movimento de crescimento e que, diretamente ou não, influenciaram a ideia que os homens de cultura tinham da organização social. **A primeira dessas mudanças situa-se no plano das atitudes mentais.** [...] Afeta a maneira de considerar as coisas terrenas e, por consequência, a condição humana. Foi, de início, um movimento muito lento, pouco perceptível [...] e derrotou, pouco a pouco, o sentimento de que o mundo visível é desprezível, que é preciso fugir dele, que as verdadeiras riquezas estão fora dele [grifo nosso].

Quando apontamos o estudo feito por Medeiros (2015) sobre o contexto de Beauvais a respeito da secularização cada vez mais crescente no início do século XIII, podemos dizer que foram mudanças que afetaram não apenas os campos econômico ou político, mas sobretudo o campo do conhecimento, em que as ordens mendicantes tiveram papel essencial naquela organização social. A este respeito, Le Goff (2005, p. 79) indica que:

[...] os Frades Menores e os Pregadores – que depois serão chamados de dominicanos – foram a substância das ordens mendicantes que no século 13 integraram a nova milícia da Igreja. Sua originalidade e sua virtude liga-se ao fato de terem sido dirigidas deliberadamente ao meio urbano. Procuraram oferecer respostas aos problemas desta nova sociedade, pela pregação, confissão e exemplo.

Tendo em vista as constantes transformações que Vicente de Beauvais vivenciou, aos poucos podemos interpretar com maior clareza a intenção de sua obra, o Tratado, especificamente sobre “*La formación literária de los hijos*”, uma vez que ao discorrer sobre a forma como os príncipes deveriam aprender e como os mestres deveriam ensinar, consideramos que se tratava, naquele momento, da educação moral daquele que seria o “espelho” da sociedade: o rei.

Entendemos desta maneira que o exemplo citado em Le Goff (2005) começava pelo mestre que ensinava, pois Beauvais (2011, cap. II, 2.3, p. 31) pontua que “[...] la segunda cualidad que se busca en el docente es una vida o comportamiento honesto, porque (como dice Pseudo-Catón en sus *Dísticos*) ‘es vergonzoso para el que enseña que lo desautorice su mala conducta’”. Portanto, neste momento, discorreremos sobre o Tratado em questão, ao analisar sua estrutura e entender o que Beauvais intencionava como critérios para o ensino daquele período.

### 2.1.1 Sobre os escritos de Beauvais

Antes de abordarmos de forma mais específica a fonte que fundamenta nossa discussão em torno do objeto de pesquisa – a formação do professor e do aluno no século XIII e de que modo o conhecimento gerado por meio do processo de ensino interfere na formação humana – gostaríamos de salientar algumas considerações sobre os escritos de Beauvais. A respeito de suas produções, Vergara (2011) considerou que elas poderiam ser classificadas em quatro temas principais: enciclopédicas, teológicas, cortesãs e apócrifas<sup>11</sup>. Das enciclopédicas, este

---

<sup>11</sup> Vale lembrar que essas classificações obtidas no estudo preliminar de Vergara (2011) dizem respeito à natureza dos escritos de Beauvais, ou seja, não diz respeito a obras publicadas, mas a um tipo de classificação das obras que escreveu.

historiador afirma que o dominicano sistematizou a obra *Speculum maius*<sup>12</sup>, obra que reunia “[...] casi todo lo que en el mundo visible e invisible había digno de investigación, imitación y admiración [...]” (Vergara p. 22), abordando discussões sobre a ciência de seu tempo.

Mesmo que o recorte deste estudo esteja voltado às ideias que Beauvais estabeleceu para a formação dos príncipes e de seus mestres, sintetizadas no Tratado, mensuramos a importância de conhecer o teor da grande enciclopédia *Speculum maius* por se tratar da obra mais conhecida desse autor. Assim, *Speculum maius*, foi escrita entre 1244 e 1259 e está dividida em três partes, além do prólogo: *Speculum naturale*, *Speculum doctrinale* e *Speculum historiale*.

A primeira delas, *Speculum naturale*, é composta por 3.736 capítulos e 32 livros que abrangem temas filosóficos, científicos e teológicos. Trata, portanto, de questões relacionadas à natureza criada por Deus e à natureza humana. Vergara (2011) descreve essa parte como um dos trabalhos mais sintetizados sobre filosofia natural desse período medieval. Concordamos com essa ideia devido ao fato de que começava a acontecer uma mudança na mentalidade dos homens daquela época com relação ao poder da Igreja desde o início do século XII. Sobre isso, DUBY (1994, p. 236) afirma que essas mudanças derrotaram “[...] pouco a pouco, o sentimento de que o mundo visível é desprezível [...]”.

Apontamos aqui, à guisa de informação, que tais abordagens direcionadas à natureza humana, são voltadas tanto à vida matrimonial do sujeito do medievo, quanto às questões relativas à faixa etária das crianças, por exemplo. De acordo com uma breve pesquisa na terceira parte da nossa fonte, o Tratado, verificamos que nas notas de rodapé dessa unidade temática, dos capítulos trinta e sete a quarenta e um (p. 545-641), há referências ao *Speculum naturale* no que diz respeito a: formação para a vida conjugal (p. 545), procriação dos filhos (p. 557), as inconveniências do casamento (p. 569), as etapas da faixa etária das crianças e os vícios da infância (p.589) e até mesmo o modo de pensar o futuro da vida humana, abordando temas como a morte (p. 631).

Quanto ao *Speculum doctrinale*, são 2.374 capítulos em dezessete livros, o qual é reconhecido como um tratado mais sistemático no sentido de o encarmos

---

<sup>12</sup> Em tradução livre e, neste contexto, essa produção foi conhecida como “O grande espelho”, na Idade Média.

como pedagógico, ou seja, pensado sobre a forma de ensino daquele período. Podemos por assim dizer que esse tratado foi composto por três vertentes que se complementam. A primeira delas diz respeito a abordagem que este dominicano fez sobre a restauração do espírito do ser por meio da ciência e da doutrina. Beauvais (2011, cap. I, 1.3.1, p. 17), explica que “[...] doctrina es la ciencia del docente o del monitor comunicada al discípulo. ‘Disciplina, en cambio, como dice Pseudo-Cipriano [...] es la adquisición esmerada de costumbres’”.

Desse modo, no capítulo doze do *Tratado sobre la formación*, sobre o apreço do discípulo pelos estudos, Beauvais (2011, cap. XII, 12.7,1, p. 171) mostra que “[...] el primer fruto de la ciencia o sabiduría es la extirpación o eliminación de los vicios carnales. A este proposito escribe san Jerónimo [...]: ‘Ama la ciencia de las Escrituras y no amarás los vicios de la carne’”. Por isso, advertimos que essa restauração estava relacionada com as mudanças daquele entorno social, com o desenvolvimento do comércio e, logo, das cidades.

Já a segunda vertente, fortemente influenciada pela obra *Didascálicon*, de Hugo de São Vítor, trata da necessidade de conduzir a memorização dos ensinamentos, ou seja, que estas sejam de certo modo ordenadas a fim de favorecer também sua compreensão posteriormente. Além disso, a terceira vertente deste tratado diz respeito à estruturação de um plano de estudo, como que uma ordem, que as ciências deveriam ser apreendidas:

[...] primera ciencias sermocinales o literarias, por ilustrar el arte de la comunicación y del razonamiento. Segunda, las ciencias prácticas y su relación con la dimensión ética. Tercera, los saberes mecánicos, expuestos desde la perspectiva de la utilidad para hacer más placentera y llevadera la existencia cotidiana. Y cuarta, las ciencias teóricas con toda su fuerza, y en su cumbre la teología, a la que consideraba la cima de todo saber (VERGARA, 2011, p. 24).

A terceira e última parte deste todo, *Speculum historiale*, formada por trinta e um livros e 3.794 capítulos, possui um teor mais político (MIATELLO, 2012)<sup>13</sup> e também didático. É um tratado que aborda a história do início da humanidade,

<sup>13</sup> Segundo Miatello (2012), o tratado *Speculum historiale* está relacionado diretamente à obra *De morali principis institutione* devido às discussões abordadas pelo frade dominicano, visto que “é no *Speculum historiale* [...] que podemos encontrar referências complementares à discussão teórica do *De morali principis institutione*. [...] Ao dividir as etapas da história universal, optou por marcá-las segundo os impérios e os imperadores, reservando à vida de Cristo um papel mais teológico que histórico (p. 241-242)”.

baseando-se no livro de Gênesis da Bíblia, até os anos de 1254. Nota-se, portanto, a complexidade deste tratado, uma vez que Beauvais transcreveu desde a história de Jesus Cristo até ao Concílio de Niceia<sup>14</sup> que ocorreu em 325 a.C.

Ainda nesta parte, o dominicano reuniu os principais acontecimentos políticos até o século XII, tecendo referências a São Anselmo, Hugo e Ricardo de São Vitor, Bernardo de Claraval e Helinaldo de Froidmont. E os dois últimos livros, mas não menos importantes tratam sobre o reinado de Federico II (1194-1250) e sobre as Cruzadas até 1254. A respeito do tratado *Speculum morale*, vale ressaltar que essa obra foi atribuída erroneamente ao dominicano, pois foi redigido já nos anos finais do século XIII<sup>15</sup>.

Quando Beauvais trata, por exemplo, de como deveria ser a formação das crianças nobres e também dos professores desta, observamos nas notas de rodapé que se tem muitas contribuições da obra *Speculum doctrinale*, como a seguir: “[...] no pueden fácilmente adquirir o multiplicar la ciencia si no es por la enseñanza de las letras. Por ello, a los que necesitan poseer mucha ciencia es preciso que desde la niñez se les imbuya en las letras” (2011, II, 2,1.0, p. 29). Compreendemos que, por meio da doutrina, a criança, desde cedo, deveria ser incentivada ao ensino das letras.

Esta é uma ideia influenciada por Hugo de São Vitor com relação à doutrina, visto que nesta perspectiva “[...] a leitura representava uma filosofia de vida; portanto, havia a necessidade de se impor regras e método para realizá-la de modo que pudesse atingir a sua finalidade” (PERIN, SANTIAGO, 2016, p. 112).

Não podemos deixar de mencionar que Beauvais também produziu acerca da Igreja, especificamente sobre a figura da Virgem Maria. Com o intuito de que fique registrado em nosso trabalho, o segundo tema da produção do autor trata de uma produção teológica composta por textos voltados às questões marianas, ou seja, sobre a Virgem, uma das principais figuras da Idade Média no que tange ao tema

---

<sup>14</sup> À guisa de esclarecimento, na interpretação de Guarinello (2014, p. 163-164) sobre o referido Concílio: “[...] o Concílio que conclamou em Niceia produziu-se um credo, a trindade, que se tornaria a base da ortodoxia do Império – e fonte de grandes conflitos na Igreja. Quanto a Roma, não voltaria mais a ser a sede do Império, a não ser simbolicamente. Mas não deixaria de ser, nos séculos seguintes, a sede do papado”.

<sup>15</sup> Sobre este aspecto, segue a afirmação: “El error fue aclarado definitivamente por los dominicos Quetif y Echard em 1719, que demostraron con claridad, mediante un estudio filológico y comparativo, cómo el *Speculum morale* no era una obra de Vicente de Beauvais, sino un trabajo posterior publicado a finales del siglo XIII” (VERGARA, 2011, p. 25).

religioso.

Isso porque, de acordo com Le Goff (2007, p. 112), “o cristianismo medieval foi agitado pelo extraordinário desenvolvimento dos séculos XI a XIII do culto mariano”, sendo que naquele momento, entre os séculos XI e XII, “[...] a Virgem é um elemento essencial da encarnação e desempenha um papel cada vez maior nas relações entre os homens e Cristo” (LE GOFF, 2007, p. 112).

As produções de Beauvais também foram compostas por questões eclesiológicas, isto é, escritos que resumem a história do povo de Deus a caminho da salvação. Além disso, destacam-se também em seus escritos as questões da devoção à Trindade, *escritos trinitarios*, em que trata da natureza de Deus e a presença da Trindade na criação do mundo. E, ainda sobre essa segunda unidade, tem-se as questões penitenciais resumidas no *Tratado sobre la penitencia* e no *Tractatus de vitio detractationis*, os quais sintetizam a prática da virtude.

Neste terceiro bloco da produção literária de Beauvais estão os escritos cortesãos, isto é, ideias sobre como deveria ser a educação dos príncipes sob certa perspectiva moral, influenciada pela prática dos valores e costumes. Assim, expressamos na introdução desse estudo que as obras do autor são embasadas pela escolástica, pensamento este que tem por finalidade alcançar a graça divina por meio da educação, isto é, junto à razão e à fé.

Por isso, este tema está diretamente relacionado à obra *Speculum maius* antes citada. Foi neste período que o dominicano “[...] empezó a pensar y estructurar este tema cuando fue designado lector de la abadía cisterciense de Royaumont, alrededor de 1246” (VERGARA, 2011, p. 29). O bloco é composto pelas obras: *Opus universale*, *De eruditione filiorum nobilium*, *De morali principis institutione* e *Epístola consolatória*.

O chamado *Opus universale*, ou “Obra Universal” foi um ensaio composto por quatro livros que teve como tema principal a figura do príncipe. O primeiro, sobre a condição do príncipe; o segundo, sobre os costumes ou hábitos reais; o terceiro, sobre a dimensão corredentora dos reis visto que, neste período, estes não tinham apenas o ofício da governança, mas também eram considerados a imagem de Deus (LE GOFF, 2007)<sup>16</sup>; e o quarto, sobre a educação das crianças nobres.

---

<sup>16</sup> Na obra “As raízes medievais da Europa”, Le Goff explica sobre a figura dos reis deste período: “Os reis medievais são reis trifuncionais [...]. O rei encarna a primeira função, a função religiosa, porque, embora não seja sacerdote, exerce o essencial desta função, a justiça. É também um rei da segunda

A respeito desta obra vale ressaltar que apenas o primeiro e o quarto livro, *De morali principis institutione* e *De eruditione filiorum nobilium*, respectivamente, foram obras escritas por Beauvais, pois o dominicano faleceu em 1264, deixando as outras duas obras incompletas.

Como sabemos, *De eruditione* ou *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles*, foi, segundo o que consta no Prólogo da obra, um tratado sobre educação moral solicitado pela rainha Margarida da Provença, esposa de São Luís. Preocupada com o ensinamento de seus filhos, pediu que o frade dominicano escrevesse um manual para os professores de suas crianças.

Em 1263, Beauvais havia deixado a abadia de Royaumont, citada anteriormente neste texto. E, neste mesmo ano, escreveu a obra *De morali principis institutione*, desta vez, a pedido do genro de Luís IX: o conde Teobaldo II, rei de Navarra. A obra composta por vinte e oito livros diz respeito aos princípios de um bom governante. De forma mais clara,

[...] el propósito de todo ello era alentar un gobierno ideal donde el monarca, amén de promover el bienestar terreno, tuviera como objetivo superior colaborar con la Iglesia en su misión salvífica y corredentora de sus súbditos. Tarea en la que Luis IX de Francia fue quizá el símbolo más representativo (VERGARA, 2011, p. 31).

Outra obra do dominicano, *Epístola consolatoria a Luis IX de Francia* foi redigida devido ao falecimento de um dos filhos do rei em 1260, o primogênito Luís. De acordo com Vergara (2011), se trata de uma das obras mais importantes, escrita pelo autor sobre a literatura consolatória da Idade Média.

O quarto tema, as obras apócrifas, diz respeito aos escritos incompletos de Beauvais, por conta de seu falecimento, e que outros autores quiseram atribuir ao frade dominicano. No entanto, como aponta Vergara (2011), é possível distinguir as obras que não foram escritas por ele por meio de informações equivocadas que elas possuem. A obra *De fructibus poenitentiae*, por exemplo, foi escrita aproximadamente em 1303 e apresenta citações feitas por contemporâneos de Beauvais, não por ele mesmo. Em *Sanctorum legendarium* ocorre uma situação

---

função, a função militar, porque é nobre e guerreiro [...]. Enfim, o rei é um rei da terceira função, mais difícil de definir. Esta função, caracterizada pelo trabalho segundo a fórmula medieval, remete praticamente à prosperidade e à beleza. Portanto, o rei é responsável pela [...] prosperidade de seu reino e, no que lhe concerne pessoalmente, pela obrigação das obras de misericórdia [...]" (LE GOFF, 2007, p. 103).

semelhante: “[...] pelo uso de fontes e metodologia, diferentes às usadas habitualmente por nosso dominicano, dificilmente pode ser uma obra sua” (VERGARA, 2011, p. 32)<sup>17</sup>. Já a obra *Sermones* apresenta um autor diferente, cujos sermões são atribuídos a Vicente Ferrer<sup>18</sup> e não a Vicente de Beauvais.

Compreender a natureza de seus escritos nos permite entender melhor sobre o que nos propusemos estudar nesta seção, pois, além de apresentar o autor em seu espaço de tempo, também é possível assinalar essa natureza de acordo com os desdobramentos de seu período. No próximo item, analisamos de que modo o desenvolvimento das cidades junto à formação da universidade enquanto espaço de saber, influenciaram a nossa fonte, o Tratado.

## 2.2 OTRATADO SOBRE LA FORMACIÓN: QUESTÕES A SEREM PENSADAS

Por conta de suas atividades na Ordem dos Pregadores, o autor, junto a outros membros dominicanos, foi enviado à cidade de Beauvais para criar uma nova diocese e, segundo Vergara (2011, p. 15), seriam os responsáveis pela “[...] formação moral, intelectual e doutrinal<sup>19</sup>” dos novos membros. Esta diocese era organizada sob a responsabilidade de um superior, encarregado das funções administrativas; e de um intelectual que ordenaria apenas o ensino conventual, sem sofrer influências de cunho governamental ou administrativo.

O dominicano representou este cargo de intelectual pois de acordo com as leis da época, durante sua formação e também tempo de ensino, ele não poderia ser distraído com influências externas que não estivessem voltadas aos estudos. Por isso, “[...] el trabajo de investigación, el estudio de las Escrituras Sagradas, la predicación y la enseñanza de la teología fueron la ocupación prioritaria de Vicente de Beauvais en su diócesis” (VERGARA, 2011, p. 16).

Em outras palavras, toda sua obra foi constituída por um conhecimento religioso que passou a entender a natureza de forma distinta àquela ideia de que era

---

<sup>17</sup> Tradução nossa.

<sup>18</sup> Informação do estudo dos seguintes autores, presente no estudo preliminar que fundamenta os aspectos biográficos de nosso autor. SCHNEIDER, R. J.; VOORBIJ, J. B. “A hand-list of manuscripts of the minor treatises of Vincent de Beauvais” apud VERGARA, J. *Estudio preliminar*, 2011, p. 32.

<sup>19</sup> Tradução nossa.

essa, a natureza, que regia o Universo e que, até então, era de difícil compreensão para os medievos do início do século XIII, por isso, Beauvais tinha por objetivo “[...] contribuir con el conocimiento de la naturaleza y de la historia humana [...]” (VERGARA, 2011, p. 22). Assim, por suas atividades na Ordem dos Pregadores e devido às suas ideias sobre o ensino, o historiador nos indica que Beauvais foi convidado pelo rei Luís IX a prestar seus ensinamentos na abadia de Royaumont<sup>20</sup> e, tempos depois, foi nomeado como o leitor oficial da abadia real.

O século XIII foi uma época de muitas mudanças no plano econômico daquela organização feudal em que a agricultura favoreceu o desenvolvimento do comércio e, conseqüentemente, um maior crescimento das cidades e também das relações humanas, pois: “[...] o efeito que ressalta imediatamente é, sem dúvida, o da aproximação dos grupos humanos uns dos outros. Entre as diversas concentrações, excepto em algumas regiões especialmente áridas, acabar-se-iam, dali em diante os espaços vazios” (BLOCH, 1982, p. 90). Assim, pontuaremos a seguir algumas dessas mudanças.

### 2.2.1 O desenvolvimento das cidades e o respectivo crescimento das universidades

Mediante o exposto, apontaremos neste momento do estudo de que modo o desenvolvimento urbano europeu contribuiu para o campo do conhecimento, isto é, como o crescimento das cidades influenciou os modos de ensino daquele tempo e de adquirir conhecimento. Abordaremos estes dois aspectos simultaneamente por se tratar do mesmo processo de mudanças sociais que aquele tempo vivia (OLIVEIRA, 2010).

Antes gostaríamos de justificar a importância dessa contextualização do autor com o seu período. A leitura dos clássicos nos permite compreender as ideias do homem em seu período e, a partir disso, a assumimos como uma leitura atemporal, pois trata-se da essência do sujeito no tempo. Calvino (1993, p. 10) afirma que, uma das definições que podemos inferir sobre as obras clássicas é que estas “[...] exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também

---

<sup>20</sup> Abadia fundada pelo monarca Luís IX, em 1228; mas foi uma iniciativa de seu pai, Luís VIII. Disponível em: <<https://www.monestirs.cat/monst/annex/fran/illaf/cromont.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

Conforme Duby (1994, p. 282) explica, “[...] a partir do segundo terço do século XII, os bispos – e cedo os papas começaram a preocupar-se com o desvio de uma parte dos estudantes, uma evasão de cérebros para as tarefas profanas, que lhes pareciam desperdício”. Os monges copistas, isto é, os membros da Ordem dos Pregadores, por exemplo, dedicavam-se a estas “tarefas profanas”, como é o caso de Beauvais. Tarefas estas que faziam parte, portanto, do desenvolvimento das cidades – e com elas, os centros do conhecimento, as universidades.

Por isso, reforçamos a importância dos dominicanos na formação de Beauvais, visto que Le Goff (2007) aponta que os frades das ordens mendicantes se tornam mais ativos no centro urbano, já com mais liberdade de circular nas cidades e, portanto, dedicar-se às Escrituras Sagradas nas universidades. Antes a Igreja era quem tinha poder sobre a cultura e as formas de conhecimento, mas “[...] a partir da revolução comercial e do desenvolvimento urbano, as coisas mudam” (LE GOFF, 1991, p. 103). O homem tinha sede de conhecimento e os mendicantes apresentam sua importância a partir do crescimento do comércio:

Em contato com os meios urbanos, eles próprios freqüentemente oriundos da classe dos mercadores, fiéis servidores do papado, empenhado em favorecer suas novas crenças, tinham além disso o conhecimento ao mesmo tempo das técnicas comerciais nas quais seu ambiente os havia iniciado e dos métodos escolásticos que as universidades e as escolas de sua Ordem lhes tinham ensinado. Foram eles, apoiados pelo papado, que nos manuais de confissão e nas grandes obras de teologia e de direito canônico se constituíram no século XIII nos instrumentos da justificação ideológica e religiosa do mercador (LE GOFF, 1991, p. 98).

Fazemos um paralelo, nesse momento, com os ensinamentos de Beauvais sobre a submissão do discípulo ao seu mestre no sétimo capítulo do *Tratado sobre la formación*. Notamos a oralidade, o poder da palavra, como um dos princípios da Ordem dos Pregadores,

[...] porque la voz viva tiene gran fuerza: la voz que suena saliendo de la boca de su autor, que se profiere y se distingue por la pronunciación con la que es engrendrada en el corazón del que habla (BEAUVAIS, 2011, cap. VII, 7,4. p. 103).

Interpretamos deste modo que era preciso saber se comunicar com esses mercadores, aproximá-los de Deus por meio do conhecimento das Escrituras Sagradas. Para isso, era necessário que os membros da ordem tivessem essa formação e o fato de este conhecimento fundamentado nas Escrituras é que levou os sujeitos à crescente universidade parisiense<sup>21</sup>, pois esta se estabeleceu como corporação de ofício naquele meio e, em decorrência disso, “[...] em cada cidade em que existe um ofício agrupando um número importante de membros, esses membros se organizam para a defesa de seus próprios interesses, a instauração de um monopólio de que se beneficiem” (LE GOFF, 2006, p. 93).

Portanto, cabe mencionar que o ensino estava pautado em dois ciclos: *trivium* e *quadrivium*:

[...] transmitida por um retórico latino cristão do século V, Marciano Capella, a classificação e a prática das artes liberais dominam o ensino medieval. Divididas em dois ciclos, o do *trivium*, ou artes da palavra (gramática, retórica e dialética) e o do *quadrivium*, ou artes dos números (aritmética, geometria, música e astronomia), estas artes liberais recomendadas por Santo Agostinho vão, nos séculos XII e XIII, fornecer o fundamento do ensino universitário na faculdade [...] (LE GOFF, 2007, p. 26).

Nessa mudança de perspectiva sobre o conhecimento, Bloch (1982, p. 126) indica a respeito da evolução da comunicação que houve “[...] abundância das traduções de obras gregas e sobretudo – árabes [...]” exercendo assim uma mudança na consciência daqueles homens.

Mediante esses e outros acontecimentos do período, a obra *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles* foi escrita sob as influências sociais da época, visando o direcionamento dos filhos do rei Luís IX, ou São Luís, como é mais conhecido.

Na obra estão presentes conceitos de intelectuais tanto da antiguidade quanto do próprio medieval. Porém, o segmento em questão, “A formação literária dos filhos”, compreende vinte e dois capítulos divididos em duas etapas: a primeira,

---

<sup>21</sup> Ainda sobre a criação das universidades, Oliveira (2007, p. 120) estabelece em seu estudo que: “na análise das origens das universidades na Idade Média, dois fatos históricos se destacam. O primeiro diz respeito ao conflito político entre os poderes laico e eclesiástico. O segundo liga-se à disseminação do pensamento aristotélico no Ocidente. [...] Os estudiosos são unânimes em afirmar que diversos acontecimentos interferiram e estimularam o nascimento dessas instituições, como o renascimento das cidades, o desenvolvimento das corporações de ofícios, o florescimento do comércio, o aparecimento do mercador”.

voltada aos *principiantes*, as crianças discentes; e a segunda etapa, aos *proficientes* e *avantajados*, ou seja, jovens príncipes já adiantados.

Considerando que as mudanças sociais implicam diretamente em mudanças educacionais, nossa problemática reside justamente nesta inquietação: qual foi o impacto do desenvolvimento urbano europeu no século XIII sobre o modo de ensinar e de aprender daquele período? Para tentar responder esta indagação é que nos valem dos escritos deste dominicano, buscando nortear o estudo com essa inquietação – sobre as ideias que este apresenta em sua obra sobre a formação das crianças nobres, os futuros governantes.

Neste momento do estudo, cabe mencionar uma passagem de Le Goff (2006) a respeito do ofício dos intelectuais deste período que abordamos, o século XIII, nas universidades:

[...] talvez eu não tenha tido razão ao descartar os vulgarizadores, os compiladores, os enciclopedistas porque, passando pelas universidades, eles difundiram o material bruto da pesquisa e do ensinamento escolásticos junto ao clero e aos leigos cultos e, através da pregação, junto à massa. [...] A compilação, hoje desvalorizada, foi, na Idade Média, um exercício fundamental da atividade intelectual e não apenas da difusão, mas também da criação das ideias. [...] Inversamente, recuso-me a classificar entre os intelectuais eminentes do século XIII o dominicano Vincent de Beauvais, próximo de São Luís, que redigiu com o *Speculum maius*, o “Grande espelho”, uma enciclopédia pela qual perpassa, sem nenhuma originalidade de pensamento, todo o saber de sua época, arsenal para a difusão desse saber junto às gerações seguintes (LE GOFF, 2006, p. 12-13).

Evidenciamos que esta passagem nos causou certa inquietação, pois se no Prólogo<sup>22</sup> da obra que norteia nosso estudo, Beauvais expressa sua prontidão em elaborar um Tratado para os filhos do rei Luís IX, por que não o considerar um intelectual? Como já apontamos, pode-se dizer que os tempos de Beauvais, momento em que as universidades se consolidam no século XIII e que há maior

---

<sup>22</sup> “1. A la serenísima y honorabilísima, su Señora, Margarida, Reina de los Francos [...]. 3. Poco ha, si bien lo recuerda, Vuestra Majestad se dignó pedir a mi humilde persona que entresacara de las Sagradas Escrituras textos adecuados a fin de elaborar con ellos un compendio para la formación provechosa de vuestros hijos, para que con él se pudiera imbuir su tierna infancia, y para que su memoria, como el jarro de arcilla conserva la fragancia del primer líquido que se vierte en él de recién hecho, conservara siempre el aroma suavísimo de la sabiduría de dichos textos, puesto que la vajilla sabe de vieja a lo que le infundieron de nueva” (BEAUVAIS, *Prólogo*, 2011, p. 9).

incidência de obras *estrangeiras*, os levou a compilar inúmeras obras de autores clássicos e contemporâneos de sua época e a relacionar com o tempo em que vivia.

É neste sentido que então analisamos a importância de suas obras. Mesmo não tendo sido considerado um “intelectual” na referida leitura<sup>23</sup>, há vários apontamentos renascentistas a seu respeito, além de passagens de autores modernos e da consideração de Brocchieri (1989) sobre a ideia de intelectual na Idade Média.

Para Mariateresa Fumagalli B. Brocchieri, o termo intelectual deve ser compreendido de acordo com o tempo estudado devido seu significado. Neste contexto medieval, apresenta que o termo caracterizava um “tipo de homem”: um intelectual forte ou fraco<sup>24</sup>, também citando Beauvais em seu exemplo, mas diferente como fora empregado em Le Goff (2006). O dominicano poderia ser, de acordo com o pensamento da autora, como um intelectual fraco, mas explica: são “[...] homens que foram diplomatas, advogados, bispos, escritores *free lance* ou preceptores, como João de Salisbury ou Vicente de Beauvais, e em que se distingue uma menor consciência da sua diversidade [...]” (LE GOFF, 1989, p. 126) e são chamados assim legitimamente.

Sobre os apontamentos renascentistas antes citados, uma pesquisa de Kaeppli (1993, p. 454-455 apud VERGARA, 2011, p. 79-80) indica que a partir da descoberta de inúmeros manuscritos (30, para sermos exatos) em diversas bibliotecas: Cambridge, Paris, Londres, Madri, dentre outras, foi que estudiosos renascentistas tiveram acesso às ideias de Vicente de Beauvais. A exemplo disso:

[...] en *La regola del governó di cura familiare*, publicada en 1400 por el cardenal Giovanni Dominici, quien llamó a Vicente: *facundissimum fratrem Vincentium speculatorem*, situándolo a la altura de Hugo de San Víctor, Tomás de Aquino y Alberto Magno. La parte cuarta de esta obra, dedicada a la educación de los hijos, copia citas literales de Vicente y presenta sus mismos principios y modelos. Reminiscencias belvacenses se encuentran también en el *De liberorum educatione* de Eneas Silvio Piccolomini – futuro papa Pío II –, quien, en sus consejos educativos al rey Ladislao de Hungría,

<sup>23</sup> “Os intelectuais na Idade Média”, de Jacques Le Goff (2006).

<sup>24</sup> A autora define em seu estudo, inserido na obra *O homem medieval*, de Le Goff (1989) que: “[...] o intelectual forte será aquele que não desempenha apenas uma atividade intelectual, mas que também está empenhado em transmitir essa sua capacidade de investigação [...]. Intelectuais fracos serão aqueles que se serviram da inteligência e da palavra, mas que também alteraram muitas vezes o papel e o contexto de sua atividade [...]” (LE GOFF, 1989, p. 126).

repite citas y fuentes del *De eruditione* (VERGARA, 2011, p. 82).

Também há registro de estudos feitos a partir de traduções alemãs:

[...] una por Friedrich Christian Schlosser (1819) y otra por Augusto Millauer (1887); ambas [posibilitaron] su aparición en manuales de Historia de la Pedagogía. El siglo XX reivindicará un interés todavía mayor: en 1915 Giuseppina Bientinesi reclamará para Vicente un lugar especial en la Historia de la Educación; Arpard Steiner reeditará en 1938 una edición crítica del *De eruditione*, y, en 1940, William Ellwood Craig brindará su primera tradición a lengua inglesa. Con estos precedentes, la dimensión pedagógica de Vicente de Beauvais se agrandó y cobró carta de naturaleza estable en la pedagogía contemporánea (VERGARA, 2011, p. 83).

Com o olhar do presente (século XXI), acreditamos que Beauvais é um clássico importante de ser estudado, pois, nos remete a interpretações do ensino da sua época e, talvez para esse trabalho, uma das questões mais relevantes é o fato dele escrever sobre como educar um futuro governante.

Nas buscas preliminares do estudo em sites de periódicos nacionais, como o da Capes<sup>25</sup>, ao solicitarmos a busca por assunto com o termo “Vicente de Beauvais”, encontramos pouco mais de 160 pesquisas, mas nem todas relacionadas a este autor. As que são referentes a ele, em sua maioria foram publicadas por instituições de outros países, ou seja, poucas publicações brasileiras e poucas voltadas a examinar suas ideias sobre a formação dos mestres e dos alunos no século XIII, pois estavam mais direcionadas em descrever o que foi o tratado deste frade.

Um destes estudos é abordado no presente estudo, intitulado “O reino sob o olhar do pregador: Vicente de Beauvais e a realeza no século XIII”, publicado em 2012 pelo historiador André Luís Pereira Miatello que apresenta informações pontuais e de aspecto político com relação à presença do dominicano na realeza de Luís IX. Este trabalho foi importante para que compreendêssemos que Beauvais também produziu acerca do poder e administração daquele reinado<sup>26</sup>. Além disso, podemos justificar nosso estudo ao considerarmos questões de cunho educacional para aquele momento.

---

<sup>25</sup> Base de dados: “Periódicos”, disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>.

<sup>26</sup> Cabe ressaltar que, neste citado trabalho, Miatello (2012) aborda neste trabalho a obra *De morali principis institutione*, de Vicente de Beauvais.

A partir da análise referente a vida, obra e contexto de Beauvais, abordamos na terceira seção deste estudo as ideias do dominicano sobre como ensinar e como aprender para que tanto mestre como discípulo se desenvolvam e tenham em vista a formação do homem.

### 3 SOBRE COMO ENSINAR E COMO APRENDER DE ACORDO COM BEAUVAIS

Pautado nas mudanças sociais ocorridas no contexto do medievo, especialmente entre os séculos XII e XIII, nosso estudo analisa as ideias de Beauvais na primeira parte do tratado *De eruditione filiorum nobilium* sobre a forma de ensinar e de aprender, isto é, a proposta do autor para a formação dos mestres de sua época e, respectivamente, a responsabilidade desses mestres com a formação dos príncipes.

Analisamos que se trata de um ensinamento que, por meio da formação tanto do mestre quanto do discípulo, objetivava o caráter moral dos príncipes, baseando-se na prática dos bons costumes. A partir de então, foi possível discorrer sobre como era a relação entre o mestre e o estudante e de como estava organizado o ensino. Após esse estudo, trataremos sobre como o discípulo deveria aprender destacando as suas dificuldades e aptidões naturais; sobre a disciplina enquanto instrução para se chegar à sabedoria e ao conhecimento; e sobre o exercício que constituía a prática para que o aluno daquele tempo desenvolvesse os bons hábitos e ensinamentos elencados por seu mestre.

Falamos de um período em que a secularidade ganha força e que se torna imprescindível pensar a formação daqueles que terão o papel de reger o governo daquele momento. Deste modo, durante o tempo em que passou na abadia cisterciense e devido à sua participação ativa na corte, Beauvais pôde direcionar seus escritos à educação dos nobres bem como às questões administrativas do reino. Podemos então verificar em suas palavras que o pedido da rainha não lhe causou demasiada surpresa, pois, segundo ele:

[...] en aquellos días precisamente **había ya empezado yo a elaborar, por amor y en atención al Rey, nuestro ilustrísimo señor, un *Tratado general sobre el estado del príncipe y de toda la curia o familia real***, y también sobre la administración de la cosa pública y la gobernación de todo el reino, tomando como fuentes de inspiración no solo las Escrituras Sagradas, sino también las sentencias de los doctores católicos, de los filósofos y de los poetas (BEAUVAIS, 2011, *Prólogo*, p. 9) [grifo nosso].

Vimos anteriormente que a organização social do século XIII sofreu mudanças e objetivamos compreender nesta seção a importância da figura dos príncipes e seu respectivo reflexo para o povo do medievo, pois, de acordo com

Vergara (2011, p. 52), com o declínio “de uma cultura eminentemente clerical, sacralizada e teocrática<sup>27</sup>” será depositada aos nobres a esperança de reger o emergente estado monárquico. Ou seja, é o momento em que “a fase de conquista das comunidades urbanas cessa sob o reinado de São Luís, reinado estabilizador em que se imobiliza, no essencial, o grande impulso dos dois séculos anteriores. A monarquia se instala” (LE GOFF, 1992, p. 126).

Por isso consideramos que a figura do príncipe como elemento pertencente às mudanças políticas e econômicas entre os séculos XII e XIII se deu por conta da consolidação das cidades em torno do reino (LE GOFF, 1992). Sobre esse fenômeno, Duby (1994, p. 287) aponta que:

[...] a reflexão sobre a sociedade promove-se, efectivamente, no segundo terço do século XII, na corte dos reis. Daí procede um autêntico tratado político, o *Policraticus*, que João de Salisbury termina em 1159. No cume da cultura erudita, nesse discurso alimentado pelo ensino das melhores escolas de Paris, discurso preparado segundo a razão e também segundo a bela retórica, afirma-se o pleno vigor do Renascimento, o fervor por uma antiguidade ressuscitada [...].

Este é o contexto que influenciou posteriormente os escritos do *Tratado sobre la formación*, um período que fez com que Beauvais redigisse esse tratado com teor não apenas educacional ou religioso<sup>28</sup>, mas também e, principalmente, político. Suas ideias formativas eram voltadas principalmente aos príncipes, futuros reis, que cuidariam, na monarquia, das cidades. Sobre estes cuidados, temos em Le Goff (1992) uma passagem que explica que:

[...] de um modo geral, [...] os reis procuraram ajudar as cidades. Philippe de Beaumanoir, teórico e prático da gestão real, estende-se longamente, no capítulo L dos *Costumes do Beauvaisis*, sobre as cidades. É preciso, segundo ele, zelar para que não se prejudiquem as cidades e seu povo [...]. O senhor das cidades deve verificar anualmente "a situação da cidade" e controlar a ação dos prefeitos e dos que governam a cidade (LE GOFF, 1992, p. 127-128).

---

<sup>27</sup> Tradução nossa.

<sup>28</sup> “La obra, aunque es un tratado sistemático de pedagogía, tiene una orientación eminentemente moral [como no podía ser de otro modo] y una querencia religiosa manifiesta [...]. Aquí radica el sentido y significado último del *De eruditione*: ser un tratado de pedagogía global, orientado a la preparación integral, incluida la salvación eterna” (VERGARA, 2011, *Estudio Preliminar*, p. 65).

Aqui destacamos um dos ensinamentos de Beauvais (2011, cap. IX, 9,2.1, p. 121): “docilidad es la recta habilidad de aprender. De ella dice el Apóstol en la Segunda Carta a Timoteo 2,24: ‘es necesario que el siervo del Señor sea manso con todos, dócil, etc’”. Ou seja, para o autor, os princípios de um bom comportamento aprendidos desde a infância, contribuíam para o relacionamento do rei entre os homens em suas cidades, zelando por este meio de convivência entre os sujeitos.

Enquanto o centro urbano estava sendo estabelecido, Oliveira (2013, p. 267-268) pontua sobre por quem a cidade estava sendo dirigida:

[...] os mestres e os alunos da universidade lutavam também pela liberdade de ir e vir e de poder ensinar conteúdos diversos daqueles das Escrituras Sagradas, especialmente os escritos aristotélicos. Ambas as corporações, a dos mestres artesãos e a dos mestres universitários, lutavam pela liberdade de circulação das pessoas que as compunham e de seus ofícios e viam como ‘natural’ o governo político da comuna/cidade estar nas mãos das autoridades laicas ou eclesiásticas.

Em outras palavras, a passagem de Oliveira (2013) reafirma não apenas o ofício de Beauvais: o de recorrer a inúmeros autores, além das Escrituras Sagradas, para fundamentar obras como o clássico em questão, o Tratado, como também nos mostra que a cidade em ascensão seria dirigida por homens letrados. Por isso, vale ressaltar ainda que Beauvais não apenas identificou as emergentes mudanças de seu tempo, pautado em autores patrísticos ou naqueles renomados da Antiguidade tardia, como teorizou sobre as mudanças da Idade Média redigindo um manual pedagógico de caráter didático para letrar os filhos dos nobres que conduziram a organização das cidades.

Sobre este clássico, o manual acima citado, Vergara (2011, p. 64-65) pontua que é “[...] un tratado que reflexiona [...] sobre las distintas etapas de formación, sobre los contenidos, los agentes personales, la educación social [...]” e ressalta que “[...] Vicente no fue realmente y en sentido estricto un innovador; él mismo lo reconoció, fue esencialmente un recopilador del conocimiento pedagógico y de la moral práctica [...]” (VERGARA, 2011, p. 66). No entanto, por conta dos inúmeros autores aos quais Beauvais recorreu, mais precisamente noventa e seis escritores diferentes, foi um compilador de grande importância visto que “[...] nele havia uma

estrutura mental e uma ordem lógica louváveis<sup>29</sup> (VERGARA, 2011, p. 66).

Cabe ressaltar que uma das características dessa obra é o caráter moral e soteriológico, isto é, que discorre sobre a salvação da humanidade, sendo esta, no contexto aqui apresentada, vislumbrada na figura dos príncipes. Também possui viés didático, pois entendia “[...] a educação como arte inspiradora, como conhecimento prático<sup>30</sup>” (VERGARA, 2011, p. 67). Por último, ressaltamos a dimensão pré-humanista em Beauvais, pois, ao passo em que seu objetivo principal foi a dimensão prática do saber, a obra em questão:

[...] discurrirá sobremanera sobre la formación literaria, en el ejercicio constante de la virtud y en la fuerza restauradora da gracia [...] su apuesta será la fuerza de la palabra para alcanzar, por la práctica de la virtud y la ayuda de la fe, la realización del sentido humano de la existencia (VERGARA, 2011, p. 69).

Sobre o conceito de salvação da humanidade, é importante salientar que está relacionado ao “[...] movimento corporativo no meio urbano [que] é favorecido por uma reabilitação do trabalho que se observa durante todo o século XII” (LE GOFF, 1992, p. 100). Não se trata mais do trabalho encarado como castigo divino para o homem, mas de algo útil a estes, “[...] capaz de conduzir os trabalhadores à salvação” (Idem), momento em que o sujeito do medievo participa dessas transformações.

Outra ideia que acrescentamos neste contexto se refere à importância da linguagem enquanto ciência para esse período, pois identificamos uma referência à Abelardo e à sua obra “Manual de lógica para principiantes” (1121) nos escritos de Le Goff (2006, p. 71):

[...] daí a necessidade de uma ciência da linguagem. As palavras são feitas para significar [...], mas tem fundamento na realidade. Correspondem às coisas que significam. Todo o esforço da lógica deve consistir em proporcionar essa adequação significativa da linguagem com a realidade que ela manifesta.

Dado o quadro geral de nossa análise sobre o tempo em que a obra de Vicente de Beauvais foi escrita, buscaremos, no primeiro subitem desta seção,

---

<sup>29</sup> Tradução nossa.

<sup>30</sup> Tradução nossa.

articular as influências do dominicano com a nossa problemática, que é a de entender qual o impacto do fenômeno urbano europeu do século XIII sobre a formação dos mestres e das crianças nobres.

### 3.1 OS AUTORES QUE INFLUENCIARAM BEAUVAIS A FORMULAR AS IDEIAS DE COMO FORMAR O MESTRE

O dominicano Vicente de Beauvais afirma no vigésimo capítulo da obra que “[...] como ya se ha dicho, nadie puede, según Aristóteles, progresar en arte alguna sin el conocimiento de sus principios [...]” (BEAUVAIS, 2011, cap. XX, 20,3.1, p. 263). Por isso, transpondo a este contexto, acreditamos que seja viável retomar o conhecimento do *Tratado sobre la formación* e de que modo o abordaremos.

Os primeiros vinte e dois capítulos, base para a análise e fundamentação desta seção, tratam da formação literária<sup>31</sup> das crianças nobres. O segundo eixo da obra diz respeito à formação moral dos filhos (capítulos 23 a 36); o terceiro contempla a vida matrimonial, que abrange questões da maturidade (capítulos 37 a 41); e o quarto, aborda a formação da mulher nos nove últimos capítulos.

Como enunciamos anteriormente, o intuito desta seção é reconhecer os autores que influenciaram os escritos de Beauvais a fim de compreender como contribuíram para o pensamento do dominicano no decorrer desses vinte e dois capítulos. É a partir deste reconhecimento que conseguimos articular a obra com o tempo em que foi escrita para desenvolver a problemática que apresentamos neste estudo.

#### 3.1.1 Contribuições de caráter moral

---

<sup>31</sup> Compreendemos aqui “literária”, título da nossa fonte de discussão, no sentido de formação humana. Segue um exemplo diferente sobre esse termo, segundo Beauvais (2011, cap. 23, p. 293): “[...] a la formación literaria hay que unir la instrucción moral, porque la ciencia sin virtud o buenas costumbres no solo no beneficia nada, sino que además perjudica”. Por isso, o título original em latim presente nesta obra bilíngue é: *De puerorum nobilium eruditione*.

Traduzindo “eruditione”, temos o significado de “treinamento”. Disponível em: <<https://pt.glosbe.com/la/pt/eruditione>>.

A análise foi organizada da seguinte forma: classificamos os capítulos que fazem menção aos requisitos para os mestres (2) e quais capítulos tratam das maneiras de aprender (15), isto é, do comportamento das crianças nobres naquele tempo. Os outros cinco capítulos que não estão aqui somados, serão abordados juntos por se tratar de princípios gerais para a educação.

Começamos por dizer que Santo Agostinho influenciou fortemente os escritos do dominicano com relação à formação moral dos nobres, por isso encontramos muitas menções àquele. Retomando brevemente um estudo feito por Pirateli e Melo (2016, p. 75) com relação ao contexto deste pensador da Antiguidade, vale lembrar que “em meio à consolidação do cristianismo no fim da Antiguidade, Agostinho e os Padres da Igreja contribuíram para uma nova orientação ao processo formativo, que passava pela santificação do Homem”. Le Goff (2007, p. 31) também afirma que ele “[...] é o personagem mais importante para a instalação e o desenvolvimento do cristianismo”. Por isso, no sentido de formar o bom comportamento das crianças e jovens de seu tempo, Vicente de Beauvais discorre sobre a sociabilidade dos nobres, isto é, o cuidado com as amizades que poderiam acrescentar ou não em sua formação pessoal. Para isso, cita o exemplo de Santo Agostinho:

[...] conforme al texto de la Primera Carta a los Corintios 15,33: ‘Las conversaciones malas corrompen las buenas costumbres’. 2. San Agustín en el libro II de sus *Confesiones*, al recordar el estado de su juventud, también se lamenta de haber tenido malos compañeros, con cuyas conversaciones se degradaba: ‘Con tamaña ceguera iba yo de mal en peor, hasta el punto de avergonzarme entre mis paisanos de ser menos desvergonzado que ellos; los cuales fanfarroneaban de sus fechorías, porque les gustaba hacerlas no solo por el placer del hecho, sino también por el de la alabanza [...]’ (BEAUVAIS, 2011, cap. XXXII, 32,11.1-2, p. 469).

Ainda sobre os escritos de caráter moral que perpassam o tratado, têm-se as contribuições de Bernardo de Claraval. Observamos no estudo de Pizoli (2016, p. 95) que “[...] Bernardo idealizava toda a sociedade seguindo os valores monásticos, centralizado na meditação, na humildade, na caridade e na fé autêntica”. Assim identificamos em Beauvais com a seguinte passagem:

[...] dice san Bernardo en uno de sus sermones (en la *Epifanía del Señor*): ‘¡Oh humildad, virtud de Cristo, cuánto confundes la soberbia de nuestra vanidad! Sé un poquito, o más bien me parece que sé, y ya no puedo callar [...]’. Siempre dispuesto para hablar, rápido para

enseñar, tardo para escuchar (BEAUVAIS, 2011, cap. XXXVI, 36,3.2, p. 519).

Esses valores serão percebidos na obra do dominicano (capítulos 6, 13, 17), sendo humildade e fé requisitos necessários à formação daqueles considerados a imagem de Deus na Terra: os príncipes.

### 3.1.2 Um viés didático: as qualidades do mestre e os requisitos sobre como se deve ensinar

Beauvais estabeleceu em *De eruditione* as qualidades necessárias à figura do professor, além dos modos de ensinar. Simultaneamente, não deixou de esclarecer sobre os requisitos tanto sobre a figura do mestre, como do aprendiz. Por isso destacamos a importância do filósofo Boécio nos escritos do dominicano a respeito desse processo formativo da educação daquele tempo.

No segundo capítulo, o autor assinala sobre a responsabilidade dos reis perante seu reinado na cidade ao afirmar que, mais do que ninguém, o príncipe é quem deve saber mais e melhor, porque o seu conhecimento<sup>32</sup> pode beneficiar todos os assuntos. Portanto, salientamos mais uma vez a importância dos mestres naquela época ao indicar as cinco qualidades do docente de acordo com o dominicano: ter mente espirituosa; ter boa conduta por meio de uma vida honesta; ser humilde com relação ao conhecimento; ter uma eloquência simples; e ser capaz de ensinar.

Sobre uma mente espirituosa, significava a capacidade do mestre em saber “[...] como escolher o melhor entre todos [os conhecimentos] que podem ser ensinados, e para que ele não tome tudo do que foi dito por outros [...]”<sup>33</sup>. Refletimos aqui como esse ensinamento nos parece tão atual. Por ter um caráter atemporal, o estudo dos clássicos nos permite isso: compreender como os ensinamentos de outra época podem ser articulados para interpretarmos as questões de nosso tempo.

---

<sup>32</sup> “2. Como ya hemos dicho en otra parte, en la carta que el Rey de los Romanos envió en cierta ocasión al Rey de los Francos, exhortándolo-le a que hiciera instruir a sus hijos em las artes liberales, le decía entre otras cosas: “un rey iletrado es como un asno coronado” (BEAUVAIS, 2011, cap. II, p. 29).

<sup>33</sup> Tradução nossa.

Um exemplo disso é o que aprendemos com os professores do corpo docente do PPIFOR<sup>34</sup>: o ato de pesquisar trata de estudarmos, analisarmos e refletirmos sobre determinado assunto, mediante o estabelecimento de uma situação problema e de objetivos definidos, investigá-lo, fundamentados em estudiosos do tema, para então ter uma compreensão mais aprofundada do que foi proposto.

Chizzotti (2006, p. 56) define a pesquisa como prática social relevante, pois “[...] a própria atividade pesquisadora tende a se expandir como uma forma de ensino-aprendizagem nas quais as novas gerações são formadas”. Ou seja, é indispensável que o docente seja ativo em sua profissão não deixando a atividade da pesquisa de lado, para que tenha sempre consciência daquilo que ensina. Como nos ensina Beauvais (2011, cap. II, 2,2.1, p. 31): “nada importante enseñará quien nada ha aprendido por su cuenta”.

Sobre a segunda qualidade do mestre, “[...] san Jerónimo escribe [...]: que tus obras no refuten tus palabras” (BEAUVAIS, 2011, cap. II, 2,3.1, p. 31). Mensuramos a importância deste padre latino uma vez que se faz presente nos escritos do dominicano com relação à formação do caráter do sujeito do medievo. São Jerônimo se ocupou das traduções dos Evangelhos e do Antigo Testamento da Bíblia. De acordo com a tese de Carpinetti (2003, p. 17), “[...] foi o mais erudito dos Padres latinos da Igreja, e legou uma herança insubstituível por muitos séculos ao Ocidente e à Idade Média”, pois tinha uma forma peculiar ao estudar as chamadas Escrituras Sagradas, dedicado em traduzir os escritos de modo a não imprimir primeiramente a sua personalidade nestes.

Vergara (2011, p. 880) o cita em *Anexos do Estudio Preliminar* como um “escritor fecundo, sincero, apasionado, erudito, uno de los talentos de la antigüedad Cristiana”. O que também podemos assinalar como forma de contribuição para a ideia de formação em Beauvais, se deve a seu modo de interpretação e escrita. Em um estudo sobre o ofício de traduzir, feito por Parmegiani (2016, p. 101),

[...] ele usava como metodologia para escrever seus comentários, conhecimento prévio de todas as interpretações precedentes, seguido de seleção das melhores, cotejamento da formulação, exposição da opinião pessoal, e por fim, a ‘liberdade’ ao leitor de escolher por uma das interpretações. Mas antes de mais nada, ele

---

<sup>34</sup> Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar. Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR – Campus Paranavai.

procurava pela exatidão do texto bíblico, para que o comentário não se tornasse viciado por uma leitura textual errada.

Entendemos como Beauvais (2011, p. 33) foi influenciado por este padre identificando onde se iniciava a honestidade: no modo que selecionava as melhores interpretações de forma que os leitores tivessem a oportunidade de escolher quais preferiam refutar o apreender. É neste sentido que a “[...] a honestidade da vida e a seriedade dão autoridade àquele que ensina [...]”<sup>35</sup> tornando seu ensino proveitoso por parte dos discípulos. Também retomou a Boécio, que “[...] dice en el libro de *La disciplina escolar* que quien desea cumplir el oficio de maestro ‘es preciso que goce de total honestidad de costumbres. [...] Insigne<sup>36</sup> por sus virtudes [...]” (BEAUVAIS, 2011, cap. II, 2,3.3).

Mencionando a passagem bíblica de Eclesiastes 18,19 “[...] antes de falar, aprende”<sup>37</sup> (BEAUVAIS, 2011, cap. II, 2,4.1, p. 37), o dominicano situa que aquele que tem humildade é capaz de expressar a sabedoria tida como virtude que permite que o homem conheça a si mesmo. Citando outra passagem bíblica, ele afirma: “[...] como disse Salomão no livro de Provérbios 11,2: ‘onde há humildade, ali também há sabedoria’<sup>38</sup>”.

Observamos que Hugo de São Vitor influenciou diretamente toda a produção do frade dominicano com relação à estruturação dos conhecimentos, isto é, o que e em que ordem estudar e, também, sobre os modos de ensinar, como temos visto. Mestre da abadia de São Vitor, nascido em 1096, redigiu uma de suas principais obras, *Didascalicon*, a qual é muito citada por Beauvais, pois como indica Vergara (2011, p. 67): “[...] destaca en primer lugar la omnipresencia de Hugo de San Víctor, a quien Vicente tomará capítulos enteros para explicar el currículo, la naturaleza del estudio y su didáctica [...]”. Deste modo, com o clássico *Didascalicon* é possível compreender melhor o conceito de sabedoria naquela época, do qual Beauvais se apropriou.

De entre todas aquellas cosas a las que debemos aspirar, la primera es la sabiduría, en la que reside la regla del bien perfecto. La sabiduría ilumina al hombre para que se reconozca a sí mismo, el

---

<sup>35</sup> Tradução nossa.

<sup>36</sup> Insigne. adj. Insigne, ilustre, eminente, notável, célebre. Do latim, insignis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/escolar-espanhol/busca/espanhol-portugues/insigne/>>.

<sup>37</sup> Tradução nossa.

<sup>38</sup> Tradução nossa.

cual fue semejante a las demás criaturas mientras no comprendió que había sido creado por encima de ellas. Sin duda, su espíritu inmortal, alumbrado por la sabiduría, contempla sus orígenes y reconoce cuán indecoroso es que busque algo fuera de sí justo aquel al que podría bastarle lo que él mismo es. [...] ‘Conócete a ti mismo’, porque, evidentemente, si el hombre no se hubiera olvidado de su origen, reconocería que es nada todo lo que está sometido al principio de la mutabilidad. Una sentencia admitida por los filósofos defiende que el alma se compone de todas las partes de la naturaleza [...] (HUGO DE SAN VÍCTOR, 2011, Livro I, cap. I, p. 9).

Com este entendimento, temos a quarta qualidade do mestre: ter uma eloquência simples, pois, recorrendo a Tulio Cícero, no prólogo da obra *La invención retórica*, (BEAUVAIS, 2011, cap. II, 2,5.1, p. 37) indica que “[...] la sabiduría sin elocuencia es de poca utilidad”. Concordamos com a assertiva quando contextualizamos com o que já foi exposto sobre o desenvolvimento das cidades no século XIII e, conseqüentemente, sobre a criação das universidades que atraía cada vez mais um número maior de estudantes e mestres (LE GOFF, 2007). Era preciso que o mestre dos nobres tivesse essa facilidade em se expressar e comunicar, pois compreendemos ser uma habilidade dos futuros reis: comunicar-se com seu povo.

A quinta qualidade para o mestre trata da “Habilidade ou especialidade pedagógica”<sup>39</sup>, encontrada no terceiro capítulo da obra. Beauvais dedicou este capítulo para abordar essa exigência em específico, pois tratou do modo de ensinar tanto com palavras quanto com obras. Sobre o *modo de enseñar con las palabras*, o dominicano estabeleceu cinco requisitos.

O primeiro deles é falar com clareza, de modo que todos entendam o que é dito pelo mestre, ou seja, com linguagem adequada. Destaca que o tom de voz deve ser “nítido e claro” (BEAUVAIS, 2011, cap. III, 3.3.0, p. 45) para que o mestre seja compreendido, isto é, nem muito baixo ou muito alto. Propõe ainda que este “[...] deve ensinar a cada um de acordo com sua capacidade [...]” (BEAUVAIS, 2011, cap. III, 3,4.1, p. 49), ou seja, “consiste em conhecer a pessoa que será ensinada”<sup>40</sup> (BEAUVAIS, 2011, cap. III, 3.3.0, p. 45).

O segundo requisito pontua que o mestre deve ser breve em seus ensinamentos, evitando ser prolixo, usando apenas as palavras necessárias, pois, ao citar São Jerônimo, temos em Beauvais (2011, cap. III, 3,5.1, p. 49) que “[...] la

---

<sup>39</sup> *Aptitud o pericia pedagógica.*

<sup>40</sup> Tradução nossa.

prolijidad excesiva embota los sentidos de los lectores y la brevedad exagerada cota de raíz el interés de los estudiosos”. Quanto ao terceiro, aprendemos que os ensinamentos devem ser úteis, não encontrando necessidade de se ensinar coisas vãs (Beauvais, 2011). O dominicano explica melhor essa ideia no nono capítulo, quando trata que o discípulo deve ser dócil. Em seu entendimento, o aluno deveria ser interessado e, ao questionar o mestre sobre o que não se entende, expressar característica de ser um sujeito amável. É neste sentido que o ensinamento tem caráter de utilidade, pois, citando São Jerônimo: “[...] enseña más ao preguntar sensatamente” (BEAUVAIS, 2011, cap. IX, 9.6, p. 129).

Para que o aluno fique mais atento às palavras de seu mestre, Beauvais indica o quarto requisito: a suavidade das palavras. Entendemos o que foi exposto até aqui como condição para uma boa oralidade e correlacionamos com o quinto e último requisito: a moderação da fala. Um bom mestre, nessa perspectiva, deveria ponderar sobre a velocidade de sua fala, não muito rápido nem devagar demais; e sobre a suavidade, nem muito alto, nem muito devagar.

Para finalizar o esboço sobre as qualidades formativas do mestre do século XIII com relação à educação dos príncipes, abordamos como deveria ser a conduta do mestre de acordo com Beauvais. Como já mencionamos, o rei era o espelho para o povo fiel e cristão, era visto como a imagem do próprio Deus. E “[...] como representantes de Deus sobre a terra, os príncipes e mais particularmente os reis levarão a peito a necessidade de fazer reinar a justiça e a paz. O exemplo mais glorioso é o de São Luís, o grande justiceiro e o grande ‘pacificador’” (LE GOFF, 2007, p. 76).

Portanto, constatamos que havia essa preocupação na formação do homem: desde cedo, deveria aprender a ter um bom comportamento. E isso, em nossa interpretação, começava pelo mestre: “[...] es necesario que el maestro tenga método de enseñar no solo de palabra sino también de obra” (BEAUVAIS, 2011, cap. III, 3,9.1, p. 57). Como um estudioso, cabe ao mestre primeiramente aprender para depois ensinar, um conceito atual a nosso ver que está relacionado com outra condição: a de não ser arrogante, pois com arrogância não se ensina igualmente a todos os alunos (Beauvais, 2011).

Tendo em vista esses requisitos, o dominicano faz uma ressalva: apenas Deus pode ser chamado de mestre no sentido de ser o único detentor de todo conhecimento, pois ele é a Verdade e nele não há dúvidas. A este respeito,

Beauvais (2011, cap. III, 3,10.2, p. 57) indica uma passagem de Santo Agostinho em sua obra *El maestro*: “[...] cuando los maestros explican con palabras las disciplinas que dicen enseñar, los discípulos consideran dentro de sí si lo dicho es verdadero, intuyendo según sus posibilidades la verdad interior. Se engañan al llamar maestros a los que no lo son”. Dessa forma, ao refletirmos sobre o ensino deste tempo, constatamos a intenção de Beauvais em tornar a educação o mais proveitoso possível e que, por meio do conhecimento e bom comportamento, o exemplo para as crianças começasse pelo próprio mestre.

Mediante essas questões com relação à formação do mestre no século XIII, abordamos na segunda subseção a proposta do dominicano para a formação do discípulo.

### 3.2 AS IDEIAS SOBRE A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO

Nesta terceira seção do estudo, analisamos as ideias de Beauvais voltadas às exigências que ele acreditava serem necessárias para a formação dos preceptores dos filhos de São Luís, na França do século XIII. Após esse entendimento, o nosso propósito é compreender suas ideias sobre como os nobres deveriam aprender naquele período.

Podemos situar melhor este espaço de tempo em que a obra foi enviada à rainha Margarida da Provença (1246) a partir de uma nota que consta no Prólogo da obra a respeito dos filhos do rei Luís IX: “[...] Felipe III, el Atrevido, segundo hijo de san Luis, que nacido en 1245 reinó de 1270 a1285. Cuando fray Vicente escribía este libro los reyes Luis y Margarita tenían tres hijos<sup>41</sup>: Isabel (1241-1271), Luis (1244-1260) y Filipe (1245-1285)”. A partir dessa consideração, dissertamos num primeiro momento sobre como estava organizado a educação naquele tempo.

Em seguida, analisamos que dentre os capítulos sétimo e décimo há apontamentos sobre como deveria ser relação entre o discípulo e seu mestre, a partir do comportamento de um e outro. Por fim, examinamos as exigências que o

---

<sup>41</sup> Vergara (2011, p. 60) nos indica em nota, no estudo preliminar da edição bilingue, seus demais filhos. Organizamos aqui de forma cronológica: “[...] Branca (1240-1243); João de França (1247-1248), João Tristão da França (1250-1270), Pedro I de Alençon (1251-1284), Branca de França (1253-1320), Margarida da França (1255-1271), Roberto de França (1256-1318), Inês da França (1260-1327)”.

dominicano apontou sobre o processo de ensino no século XIII, momento em que, de acordo com Le Goff (2005, p. 273):

[...] o intento [da igreja], certamente, era fazer do Estado seu instrumento, conferindo à realeza o papel essencial de protetora da Igreja – a igreja real da ordem sacerdotal e a igreja ideal dos pobres. a Igreja reservou à realeza a função de braço secular [...]. Toda uma literatura clerical definiu esta função do rei. Inúmeros foram os *Espelhos de Príncipes* que floresceram sobretudo entre os séculos 9º e 13, nos quais São Luís se esforçou no plano moral e espiritual para ser um rei modelo.

Como já consideramos aqui, a figura do príncipe tinha muito valor para aquele tipo de organização social em que a educação era regida pelo poder da Igreja. É sob esse contexto que analisamos as ideias de Vicente de Beauvais.

### 3.2.1 O ensino no século XIII: considerações sobre os conteúdos

Sabemos que mesmo diante das transformações com relação à cultura e à organização daquele meio social, a educação ainda era responsabilidade da Igreja, mas não com a mesma intensidade dos séculos anteriores. O homem do século XIII ansiava por conhecimento, “[...] grupos sociais antigos ou novos têm outras preocupações, têm sede de conhecimentos práticos ou teóricos diferentes dos religiosos, criam para si instrumentos de saber e meios de expressão próprios” (LE GOFF, 1991, p. 103). Portanto, se Vergara (2011, p. 103) afirmou que o *Tratado sobre la formación* é “[...] uno de los primeros tratados sistemáticos de Pedagogía escritos en la Edad Media donde [...] se exponen los principios teóricos y prácticos de una ciencia o doctrina emergente llamada *eruditio*<sup>42</sup> o formación [...]”, precisamos compreender esse conceito de aprendizagem.

Foi a partir do século XII que o ensino<sup>43</sup> se apresentou dividido nas áreas de Artes, Direito, Medicina e Teologia. É nas Artes que os clérigos ensinavam as sete

<sup>42</sup> Aprendizagem; conhecimento.

<sup>43</sup> Sobre o conhecimento, Riu (1975, p. 477) aponta que “[...] el movimiento renovador de la enseñanza adquirió en Paris formas estructurales que cabe considerar decisivas. En Paris, maestros y discípulos de las escuelas de la catedral y de otras empezaron a unirse por países de origen y por la naturaleza de sus estudios, y de estas uniones nació la *Universitas* o corporación de estudiosos que pretendía organizar los estudios a su modo, al margen del control del obispo”.

artes liberais (gramática, retórica, lógica, aritmética, geografia, astronomia e música). Neste sentido, temos no décimo primeiro capítulo do tratado a proposta de como a criança deveria aprender a partir da ordem nos estudos, pois “[...] en cuanto al modo de aprender son necesarias tres cosas: el orden, la afición y la intención” (BEAUVAIS, 2011, cap. XI, 11,1.0, p. 147). Com relação ao ensino da Teologia, o dominicano menciona um dos sermões de Bernardo de Claraval na obra *Sermones sobre El Cantar de los Cantares* mas que em seu entendimento essa ordem deveria se aplicar não só à Teologia, como às outras artes também:

¿Qué es el modo de saber sino que conozcas con qué orden, con qué empeño y con qué finalidad se debe conocer cada cosa? [...] ¿Con qué orden? Primero aquello que es más a propósito para la salvación. ¿Con qué empeño? Con mayor arador lo que arrastra con más vehemencia al amor. ¿Con qué fin? No por vana gloria o curiosidad o algo semejante, sino solo por tu edificación o la del próximo (BEAUVAIS, 2011, cap. XI, 11,1.1, p. 147).

Entendemos que o ensino, independente da ordem estabelecida, eram os bispos quem autorizavam às escolas o que deveria ser ensinado, ou seja, “[...] a los niños, a los ignorantes y a los neófitos se les prohíben para que no caigan en las redes del error (BEAUVAIS, 2011, cap. XI, 11,6.1, p. 155). Como analisamos sobre a vida de Beauvais, ele foi um dos mendicantes que se dedicou aos estudos na Universidade de Paris, visto que “[...] la universidad parisina comenzaba por aquel entonces a consolidarse como centro universitario de cultura filosófica y teológica” (VERGARA, 2011, p. 10). Contudo, a partir do momento em os mendicantes entraram para essa corporação de conhecimento com a bagagem intelectual que possuíam (LE GOFF, 1992), em especial Beauvais, compilador de muitas obras naquele tempo,

[...] as escolas urbanas ganha[ra]m decisivamente a dianteira em relação às escolas monásticas. Saídos das escolas episcopais, os novos centros escolares tornam-se independentes pelo recrutamento de seus mestres e de seus alunos, e pelos métodos e programas que adotam. A escolástica é filha das cidades, e reina nas instituições novas, as universidades, *corporações* intelectuais. O estudo e o ensino tornam-se um ofício, uma das numerosas atividades em que se pode especializar no canteiro urbano (LE GOFF, 2005, p. 75).

Neste sentido, a educação do período medieval avançava cada vez mais,

graças ao acesso a inúmeras traduções de autores estrangeiros. Por isso, o autor tece algumas considerações sobre a leitura já para os nobres “avançados”, pois havia essa preocupação no ensino que propôs, isto é, em interpretar e saber aproveitar o que as obras dos “gentios” naquele tempo proporcionavam.

Recorrendo a São Jerônimo, Beauvais esclarece que o jovem deveria ler tais escritos pagãos não para professar a mesma fé que estes, mas para que, conhecendo, pudessem refletir e tecer críticas a respeito destes, “[...] porque si algún ignorante en matemáticas quiere escribir contra los matemáticos hará el ridículo; e igualmente el que polemiza contra los filósofos, si no conoce los principios de la filosofía” (BEAUVAIS, 2011, cap. XVI, 16,2.3, p. 220).

Um dos ensinamentos desse clássico diz respeito à formação humana, ao tratar de princípios voltados para os mestres ou alunos de seu tempo. A este exemplo da leitura, antes mencionamos nas qualidades do professor a “ciência humilde”, ou seja, como aquele que ensinava, o docente só poderia o fazer se de fato tinha domínio. Aqui, tratando da formação dos jovens que já eram avançados no ensino, esse conceito aparece novamente: ter conhecimento da obra pagã, por exemplo, significava compreendê-la para refutá-la se necessário.

Observamos no décimo quinto capítulo que independente da área de estudo, o ensino “[...] debe tender a la edificación propia y del prójimo, en cualquier facultad que estudie”. Tece ainda, considerações sobre a Teologia mencionando a *Metafísica* de Aristóteles:

[...] ‘Esta es además la única ciencia liberal, porque ella sola existe por causa de sí misma [...]. Dios, sin embargo, no solo es el principio de todas las cosas, sino también el único que tiene esta ciencia y la posee en su totalidad. Ninguna es superior a ella’. En el libro III añade: ‘Es congruente que la llamamos sabiduría de las ciencias, porque es la primera y la más poderosa; y es justo que las otras ciencias, como siervas, no la contradigan, puesto que todas existen gracias a ella’. De la teología dice también Avicena en la *Metafísica*: “La ciencia divina trata sobre las realidades inmateriales, infinitas e incomprensibles. Se llama así por su parte más digna, que es su propio fin, esto es, el conocimiento de Dios [...]’ (BEAUVAIS, 2011, cap. XV, 15,2.1, p. 207).

Vemos em Riu (1975, p. 480) que isso se deve ao fato de que “los dominicos, obligados al estudio del dogma por sus saberes inquisitoriales (desde 1233), [...] se propusieron crear un equilibrio entre la filosofía aristotélica (reinterpretada a través

de nuevas traducciones directas del griego y la teología católica”. Por meio dessas reflexões sobre o ensino, compreendemos sobre a relação entre o mestre e o aluno, apontada por Beauvais, nos capítulos VII a X.

Com o entendimento de como o ensino e a aprendizagem deveriam ser realizados, isto é, mediante a prática de valores e hábitos virtuosos, é possível ressaltar a questão da formação humana nesse processo educativo. Um não se fazia sem o outro, mestre e discípulo caminhavam juntos: o discípulo, submetendo-se e o professor, com todas os requisitos elencados, zelando por seu aprendiz a partir de sua postura.

### 3.2.2 Relação entre o mestre e o estudante

Iniciamos com a distinção das etapas<sup>44</sup> do ensino do século XIII, elencadas em Beauvais (2011) da seguinte forma: *principiantes*, *proficientes*, *avanzados* e *perfectos*. Tratamos na subseção anterior sobre como estava organizado o ensino, isto é, os conteúdos que eram ensinados nas universidades para os *proficientes*. Logo, analisamos que, entre os capítulos 7 a 10, o autor aborda como deveria ser o comportamento da criança iniciante durante o processo de formação, mas sem perder de vista a relação entre esta e o seu mestre.

A princípio, Beauvais (2011) apresentou subsídios sobre o comportamento do professor ideal, bases para contribuir aos ensinamentos do mestre. Após essa explanação, o autor trata sobre o discípulo, afirmando que ele também deve ser atento e desenvolver o interesse sobre os conteúdos a serem apreendidos.

Entendemos que Beauvais fundamentou-se tanto em Hugo de São Vitor como em Boécio quando discorreu sobre as condições do ensino: a disposição natural para aprender, destacando a memória; o exercício enquanto valor da formação; e a disciplina como instrução para a formação da moral (Vergara, 2011). No décimo capítulo, relacionando uma passagem do livro de Provérbios (8,33) com a fala de Boécio, Beauvais (2011, cap. X, 10.4, p. 141) adverte sobre o comportamento ideal da criança:

---

<sup>44</sup> “[...] Según dice Hugo de San Víctor, como por cuatro grados hasta la perfección. A los principiantes les corresponde oír, a los proficientes estudiar, a los aventajados ejercitarse, y a los perfectos enseñar” (BEAUVAIS, 2011. cap. VII, 7.1, p. 99).

[...] por lo cual Pseudo-Boecio dice [...]: ‘No sea díscolo el escolar, es decir, no esté desligado de la escuela; ni ande vagando por barrios y plazas y espectáculos públicos [...] con los ojos sueltos y sin freno en la lengua’. ‘Por el contrario, esfuércese por grabar en su mente, en cuanto sea capaz, la constancia de la asiduidad, pues **¿qué hay más brillante que la constancia?**, ¿qué más nefasto que la inconstancia? La primera crea, la segunda destruye [...].

Vejamos que são advertências que Beauvais aderiu dos escritos de Boécio advindos do século VI<sup>45</sup>, para os mestres dos nobres do século XIII. Tempos distantes um do outro, assim como o século XIII se apresenta distante para o século XXI, porém, entendemos que fazemos parte de um tempo histórico contínuo (BLOCH, 2001), por isso, a nosso ver, os princípios morais apresentados por Boécio e destacados e aproveitados por Beauvais (2011) também podem contribuir para a formação humana do nosso tempo presente.

No sétimo capítulo, o autor apresenta quatro direcionamentos para o ensino da criança: ter um professor que lhe aponte o caminho para interpretar as Escrituras Sagradas e que considere a oralidade, visto que nessa fase os ensinamentos aconteciam por meio de debates e discussões<sup>46</sup>; estabelecer os critérios para a escolha do mestre adequado; prezar pela convivência; e por sua submissão a ele. Para discutir sobre essa submissão, os três capítulos seguintes estão assim organizados: *VIII - Da atenção do discípulo para ouvir o mestre; IX - Da docilidade do discípulo para entender; e X - Do interesse do discípulo para memorizar.*

Para o autor, era importante a presença do preceptor na formação das crianças e jovens nobres de seu período, pois “[...] quien no sigue a outro que va delante, se hace a sí mismo un pésimo maestro” (BEAUVAIS, 2011, cap. VII, 7,2.0, p. 99) e por isso o mestre adequado deveria ser escolhido mediante a afinidade com o discípulo. Com isso, podemos relacionar essa orientação com aquela<sup>47</sup> sobre o modo de ensinar, em que seria ideal que o mestre considerasse o ritmo de

---

<sup>45</sup> De acordo com as citações na obra *De eruditione*, cap. 4.2.6, é possível que Vicente de Beauvais tenha se inspirado na obra *La disciplina escolar*, de Boécio sobre este tema.

<sup>46</sup> A este respeito, Riu (1975, p. 478) sintetiza que “[...] el peso que la nueva escuela había empezado a ejercer en la vida de la ciudad era muy considerable. La enseñanza era oral, fundamentada en la *lectio* o lectura y la *disputatio* o comentario del texto”.

<sup>47</sup> “Por último, debe enseñarse a cada uno según su capacidad, conforme al criterio evangélico (en Mt 25,15): ‘A cada uno según su posibilidad’ [...]” (BEAUVAIS, 2011, cap. III, 3,4.1, p. 49).

aprendizagem de seu discípulo – o que era possível a partir do momento em que tinha um certo vínculo com a criança no sentido de conhecer suas dificuldades e habilidades. É neste sentido que Beauvais adverte sobre as reclamações dos alunos contra o professor, devido a: “[...] su excesiva prolijidad o brevedad, por su excesiva sutileza o rudeza, por la rapidez o lentitud de su forma de hablar” (BEAUVAIS, 2011, cap. VII, 7,5.2, p. 105).

Antes de discorrer sobre a atenção do estudante nobre no estudo, Beauvais (2011, cap. VII, 7.6, p. 109) menciona Boécio para dizer que “[...] el escolar ame a su maestro, respetándole, y, si es posible, se hospede en su residencia en convivencia con él, a fin de que, cuando hubiere lugar, recurra a él con sus preguntas”.

Como quarta conduta, o estudante deveria ter humildade. Em outras palavras, a partir dessa ideia de submissão o dominicano apresenta nos capítulos 8, 9 e 10 algumas atitudes de comportamento para que o estudante se submetesse ao mestre: ouvir, entender e memorizar dependiam essencialmente de sua atenção, de ser dócil e estar decidido a aprender, isto é, de sua vontade, pois “[...] quem não sabe se submeter, não sabe como se deixar ensinar”<sup>48</sup> (BEAUVAIS, 2011, cap. VII, 7.7, p. 109). Vale lembrar que esses ensinamentos têm em si um caráter moral, pois se tratava de desenvolver no estudante, que era a criança nobre, um comportamento de caráter cortês. Nas palavras de Miatello (2012, p. 240):

o discurso régio formulado pelos frades mendicantes propõe que o rei não seja um dominador, isto é, que trate seus súditos como o senhor trata seus escravos, mas que seja pastor, isto é, **que conduza seus súditos aos melhores pastos desta vida e aos pastos da vida eterna**; nesse sentido, o rei *rege* sua conduta pelos preceitos divinos e *corrige* a conduta de seus súditos visando a condição de vida ideal; nesse caso, o rei não domina, mas pastoreia [grifo nosso].

A partir deste entendimento, salientamos que as orientações de Beauvais para o comportamento do nobre em suas diferentes etapas de formação, mencionadas no início deste item, são fundamentais por se tratar de um ensino intencional, o qual visava a formação do homem do século XIII. Sob essa perspectiva, destacamos as condições necessárias ao discípulo para que ele fosse

---

<sup>48</sup> Tradução nossa.

submisso ao seu mestre: atenção, para escutar; docilidade, para entender; e a disposição em memorizar os ensinamentos.

No oitavo capítulo, Beauvais chama alerta para os três aspectos da atenção: discrição no falar, humildade e discernimento sobre o próprio ensinamento de seu mestre.

[...] Dice el Señor en el Evangelio de san Mateo 13,9: 'Quien tenga oídos para oír, que oiga'; esto es, atienda diligentemente para entender. Porque como dice el apóstol san Pedro en la III *Carta decretal de Pseudo-Clemente*: 'La ignorancia es madre de todos los males. Y no es otra cosa la ignorancia que no conocer lo que conviene; y nos hace carecer de todos los bienes; pues mientras ignoran los hombres cuánto bien tiene la ciencia, no soportan que se echado de sí el mal de la ignorancia (BEAUVAIS, 2011, cap. VIII, 8,1.0, p. 111).

Sobre *discreción en el hablar*, o autor indica a passagem bíblica: “[...] en la Carta de Santiago 1,19, también se lee: ‘Sea todo hombre pronto para oír, tardo para hablar’” (BEAUVAIS, 2011, cap. VIII, 8,2.1, p. 113) pois é mais seguro ouvir do que falar. Também cita as palavras de Santo Agostinho nos *Sermones sobre las palabras del Señor* sobre as atitudes das irmãs Marta e Maria ao receber a visita de Jesus<sup>49</sup>: “[...] María, a pesar de que Marta se quejó [antes Jesús] de haberla dejado sola en las tareas de la casa, siguió sentada escuchando la doctrina del Maestro como discípula y no quiso molestarse en responder, sino que prefirió confiar su defensa al Señor” (BEAUVAIS, 2011, cap. VIII, 8,2.1, p. 113).

Desta forma, para que essa discrição seja possível, o estudante antes deve ser humilde e, a humildade nesse entendimento, diz respeito também a interpretar os discursos de seu mestre; isto é, o estudante deve pensar sobre o que seu mestre ensina, refletindo sobre seu discurso (Beauvais, 2011).

Ao pontuar sobre o segundo aspecto da submissão do discípulo ao mestre, o dominicano indica a qualidade de ser dócil com relação aos ensinamentos, pois “[...] como el deber de los preceptores es enseñar, la de los alumnos es mostrarse

<sup>49</sup> Passagem de Lucas 10:38-42:

“Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!" Respondeu o Senhor: "Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada". BÍBLIA de Estudo NVI. BARKER, Kenneth (Org.) [et al.]. São Paulo: Vida, 2003.

dóviles, porque no puede cuajar la ciencia, si no hay mutua concordia entre aquel que la trasmite y el que la recibe” (BEAUVAIS, cap. IX, 9,1, p. 121). Com isso entendemos que o relacionamento entre o aluno e o professor era fundamentado acima de tudo na moralidade e nos bons costumes que cada sujeito enquanto servo de Deus deveria desenvolver. Docilidade, portanto, diz respeito a “[...] recta habilidad de aprender. De ella dice el Apóstol en la Segunda Carta a Timoteo 2,24: ‘Es necesario que el siervo del Señor sea manso con todos, dócil, etc.’” (BEAUVAIS, 2011, cap. IX, 9,2.1, p. 121).

Na prática, Beauvais indica que esse aspecto era desenvolvido pelo aprendiz em três campos de ação. A primeira atitude, de ouvir os ensinamentos de seu mestre sem contradizê-lo, refere-se à “palavra semeada” de acordo com que as Escrituras Sagradas os ensinavam: “[...] del Eclesiástico 5,13: ‘Sé manso para oír la palabra” (BEAUVAIS, 2011, cap. IX, 9,4.1, p. 127). Sobre ser atento mais à intenção daquele que dialoga, o dominicano define como a segunda atitude do discípulo. Segundo ele, as reclamações ao mestre daquele tempo alertavam sobre o discurso em que não havia clareza e simplicidade das palavras causando assim uma ambiguidade. Compreendemos que nessa tentativa de se apresentar dócil, o discípulo não deveria estar atento tanto às palavras em si, mas ao conceito que elas representavam, isto é, o que significavam no contexto do discurso.

[...] Es irracional y necio no atender al fondo de la intención y quedarse en el haz de las palabras, y es actitud impropia de los que desean entender las cosas divinas. También san Agustín en *La catequesis de los principiantes* dice: ‘Los conceptos deben ser preferidos a las palabras, como el alma se prefiere al cuerpo’ (BEAUVAIS, 2011, cap. IX, 9,5.1, p. 127).

Da mesma forma, ao citar São Jerônimo, Beauvais (2011) indica que a simplicidade, neste caso, era mais válida do que um discurso que fosse difícil de ser compreendido devido às suas muitas palavras difíceis. Assim, perguntar ao mestre o que não se entende daquilo que se escuta foi definido pelo autor como a terceira atitude exigida para desenvolver um caráter dócil na criança, desde que fosse um questionamento sincero, “[...] evitando la jactancia y el fraude” (BEAUVAIS, 2011, cap. IX, 9.7, p. 129). Por isso, desenvolver um comportamento dócil a partir das atitudes aqui mencionadas procede o entendimento daquilo que é ensinado, bem como o “ouvir” decorre da atenção, como foi discutido sobre o oitavo capítulo

da obra.

[...] como dice Pseudo-Catón (en sus *Dísticos*), 'leer y no entender es perder el tiempo'. Y poco o nada aprovecha oír o leer e incluso retener, si además no entiendes. Con todo hay muchos que aprenden de memoria las palabras de la doctrina, pero no entienden su significado, ni siquiera se interesan por entenderlas (BEAUVAIS, 2011, cap. IX, 9.8, p. 131).

Mediante o exposto, temos em Beauvais a ideia da memorização, baseado no livro III da obra *Didascalicon* de Hugo de São Vitor<sup>50</sup>, como a terceira atitude da criança de postura dócil com relação ao seu mestre. Para isso, são necessários três requisitos que complementam a atitude anterior: ouvir os ensinamentos com interesse; desenvolver resumos como uma forma de exercício que auxilie a memorização; e ser assíduo durante o processo de ensino daquele período.

Vemos a importância dessas atitudes com relação à submissão da criança nobre ao preceptor devido ao método de ensino do século XIII, visto que cabia ao discípulo iniciante ouvir seu mestre. Diante disso, quando o autor propõe como primeiro requisito da memória que se deve ouvir com interesse e agrado independente da condição social da que ele que ensina, compreendemos que a atenção do discípulo deve estar voltada às palavras do orador, não à sua aparência ou condição de vida, pois “[...] algunos rechazan las palabras del docente porque consideran despreciable al mismo docente” (BEAUVAIS, 2011, cap. X, 10.2, p. 137).

Outro requisito da memória diz respeito a *resumir*, *repasar* e *enseñar*, pois assim diz Hugo de São Vitor, aqui mencionado pelo dominicano:

[...] es conveniente que las cosas que hemos aprendido por partes, las recompongamos para guardarlas en la memoria. [...] La fuente es por cierto una sola, y de ella nacen muchos riachuelos; no es necesario seguir los recovecos del río: si tienes la fuente, lo tienes todo. He dicho esto porque la memoria del hombre [...] si se divide en muchos puntos de atención, pierde precisión en cada uno de ellos (BEAUVAIS, 2011, cap. X, 10,3.2, p. 137).

<sup>50</sup> Beauvais (2011, cap. X, 10.1, p. 136) relaciona o trecho da obra do vitorino, quem muito influenciou suas ideias, com a passagem bíblica em Provérbios para fundamentar a questão da memorização com relação às outras duas atitudes mencionadas (atenção e docilidade): “[...] ‘No te alegres demasiado, oh lector, de haber leído muchas cosas, sino de haberlas entendido y, sobre todo, de haberlas podido retener en la memoria’. Porque como se lee en el libro de los Proverbios 21,20 [...] ‘un tesoro apetecible’, esto es, [...] para remiarlo com atención y conservarlo en la memoria [...]”.

Por fim, estabelece a assiduidade nos ensinamentos de seu mestre como parte da memorização e, ao citar o filósofo Boécio, entendemos mais uma vez que as exigências apresentadas dizem respeito a princípios morais que visavam a formação do sujeito desde sua infância por meio da educação por entender a constância como uma virtude relacionada à sabedoria.

[...] Por eso en el libro del Eclesiástico 27,12, se dice: “El hombre sabio es constante, como el sol, en la sabiduría; pues el necio cambia como la luna”. También san Jerónimo en el *Comentario a la Carta a los Gálatas*: “En los buenos propósitos no hay que alabar tanto los inicios cuanto el final”, es decir, la perseverancia final (BEAUVAIS, 2011, cap. X, 10.4, p. 141).

Essa análise nos possibilita o entendimento de que, Beauvais preocupou-se com a relação entre o mestre e o aluno para que os ensinamentos levassem este ao caminho da sabedoria. Tratando da submissão que as crianças e os jovens nobres deveriam desenvolver com relação aos seus preceptores, Vicente de Beauvais não deixou de destacar o comportamento que também era esperado do mestre para que os conduzissem por um ensinamento de excelência.

Observamos neste clássico que, mesmo que discutidos no passado, são princípios indispensáveis à formação humana e, deste modo, entendemos que são relevantes para compreendermos as relações entre os sujeitos do processo ensino-aprendizagem dos dias de hoje.

#### 4 AS NECESSIDADES DA FORMAÇÃO PARA VICENTE DE BEAUVAIS

Beauvais estabeleceu aos formadores dos filhos dos nobres, requisitos para o modo de como estes deveriam estudar. Frente a um quadro de constantes mudanças no Ocidente europeu, analisamos na obra *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles* que o dominicano respondeu às questões emergentes de seu tempo com ideias educacionais que contribuíram para a formação do sujeito, uma vez que o tratado propõe questões essenciais para a formação tanto de quem ensina como de quem aprende.

Uma vez que os dogmas da Igreja já não acompanhavam o ritmo acelerado da história daquele tempo, as ordens mendicantes também surgiram como um fenômeno urbano e, diferente das anteriores originadas no meio rural por dedicarem-se como podiam aos seus votos de pobreza, a dos dominicanos, em especial, dedicou-se mais nas pregações de combate às heresias (BATISTA NETO, 2004). Entendemos que, isso se deve ao fato de que o IV Concílio de Latrão<sup>51</sup>, convocado pelo Papa Inocêncio III, ocorrido em 1215, impôs “[...] aos príncipes cristãos um juramento anti-herético” (LE GOFF, 2007, p. 124) e neste sentido apontamos a importância da Ordem dos Pregadores na educação daquele momento, pois “[...] com a evolução de um mundo que, cada vez mais, oferece aos cristãos gozos terrestres, a Igreja escolhe falar [...]” (LE GOFF, 1989, p. 10). No entanto,

[...] las escuelas del siglo XII, catedralicias o municipales, habían resultado insuficientes para enfrentarse con éxito a las corrientes heréticas. Era necesario, pues, perfeccionar el estudio de la teología, como se estaba perfeccionando el estudio del derecho, en escuelas jurídicas tan notables como la de Bolonia (RIU, 1975, p. 477).

Dessa forma, as crianças nobres deveriam ser educadas desde a infância, de modo que, em sua juventude e futuro reinado, como aconteceu com Filipe III,

---

<sup>51</sup> Neste contexto, Vergara (2011, p. 6-7) explica que: “[...] a finales de siglo, em 1191 y 1198, el papa Celestino III consolidaba la práctica firmando dos bulas que garantizaban la posesión de los beneficios eclesiásticos a los clérigos estudiantes que acudían a París en busca de ciencia y títulos académicos. Pero será el siglo XIII quien asiente canónicamente esta costumbre a dos niveles. Primero, al prescribir el canon XI del IV concilio de Letrán, convocado en 1215 por el papa Inocencio III, que las catedrales e iglesias colegiadas que tuviesen medios suficientes señalasen beneficios para el aprendizaje de la gramática, de la teología y de otras disciplinas semejantes em sus mismas dependencias. Segundo, cuando el papa Honorio III, mediante la decretal *Super Specula* del 16-11-1219, urgió a los prelados y cabildos a que enviasen durante cinco años a los centros oficiales del saber personas hábiles em busca de ciencia y títulos académicos”.

pudessem ter em sua formação não só princípios moral e de bom comportamento, como também uma educação que lhes permitisse o diálogo com o seu povo, o entendimento dos acontecimentos de seu período, pois, como já mencionamos em nota, Beauvais (2011) indica que um rei sem instrução é um ignorante coroadado.

#### 4.1 DISPOSIÇÃO NATURAL, DISCIPLINA E EXERCÍCIO COMO NORTEADORES DO PROCESSO DE FORMAÇÃO

Dito isso, a análise da obra nesse momento do presente estudo se deu da seguinte forma: primeiramente, observamos que entre os capítulos IV e VI, o dominicano discorreu acerca das dificuldades que o discípulo apresentava em seu aprendizado e quais seriam, portanto, os requisitos para que conseguisse compreender os ensinamentos do mestre e desenvolver por meio de valores morais a base da aprendizagem naquele momento. Tratava-se da primeira condição do ensino: a disposição natural para aprender.

Ao assinalar as dificuldades que as crianças daquele tempo tinham para aprender, considerou que há os impedimentos de sua própria natureza, em que discorreu sobre os pecados capitais, mas há também aqueles externos ao estudante, considerando sua imprudência no modo de estudar, as diversões incontroladas e também o entorno familiar. Neste sentido, o autor faz menção novamente à obra *Didascalicon* de Hugo de São Vitor quando este diz que “[...] não é louvável o saber maculado por uma vida impudica. E, por isso, quem procura o saber deve prestar a máxima atenção a não negligenciar a disciplina moral” (HUGO DE SÃO VITOR, 2011, p. 155).

Analisamos que o dominicano não mediu esforços em recorrer a este mestre para fundamentar suas ideias. Por isso, sobre “As dificuldades para aprender” (capítulo IV), Beauvais alerta que:

[...] muy pocos observan el modo recto de aprender, es decir, manteniendo en ello el orden, la dedicación y la intención debidas [...]. Por lo cual dice Hugo de San Víctor en el libro III del *Didascalicon*: ‘nuestros escolares o no saben o no quieren guardar el método conveniente en el aprendizaje [...]’ (BEAUVAIS, 2011, cap. IV, 4.5, p. 67).

Entendemos que se o conhecimento necessita da disposição do estudante, é necessário que este reveja sua natureza no sentido humano para que compreenda a origem de suas dificuldades. Por isso, o autor indica que as dificuldades que provém da vida estão aos sete vícios – ou pecados capitais, como conhecemos – os quais fazem parte da natureza do homem. Um exemplo disso é quando o dominicano menciona a obra *Confesiones*, de Santo Agostinho, para dizer que a vaidade havia afastado-lhe dos ensinamentos das Escrituras e a arrogância de sua inteligência não lhe permitia enxergar a verdade (Beauvais, 2011).

Para ele, a inveja também impede o homem de chegar à sabedoria e da mesma forma, a ira não permite que enxergue a verdade. Sobre a preguiça, outro fator que dificulta a aprendizagem, Beauvais (2011, IV, 4,2.4, p. 61-63) indica uma passagem do livro de Salomão (1,5) que diz “[...] ‘o Espírito Santo da disciplina [...] rejeitará o falso’, isto é, o preguiçoso”.

De acordo com o dominicano, a ganância<sup>52</sup> não permite que o homem se dedique tanto à Palavra de Deus assim como não o permitem o dinheiro e a luxúria. Esses vícios só aproxima o homem das diversões carnis. O último vício proveniente da natureza do homem que o impede de alcançar a sabedoria de acordo com o dominicano, citando São Jerônimo, diz respeito à gula:

[...] aquellos cuya vida y ocupación se centra en la sobre-alimentación, ni pueden vivir largo tiempo, ni estar sanos, y que sus almas, envueltas como en lodo en excesiva sangre y grasa, no piensan nada delicado, nada celeste, sino tan solo en carnes, em eructos y em llenar el vientre (BEAUVAIS, 2011, cap. IV, 4,2.8, p. 63).

Compreendendo esses impedimentos, é possível distingui-los daqueles provenientes do comportamento do estudante, isto é, de sua conduta com relação ao estudo. Por isso, o autor retoma o que disse Hugo de São Vitor no livro V, 5 do clássico *Didascalicon* sobre os empecilhos no estudo que são a negligência, a imprudência e o que entendemos por condição econômica: “[...] el discípulo debe ser amonestado sobre el primero [negligencia], sobre el segundo debe ser instruido [imprudencia], y sobre el tercero, si es necesario, debe ser ayudado [fortuna]”

---

<sup>52</sup> De acordo com o livro de Lucas da Bíblia, se refere à passagem encontrada no capítulo 6,24: "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro". BÍBLIA de Estudo NVI. BARKER, Kenneth (Org.) [et al.]. São Paulo: Vida, 2003.

(BEAUVAIS, 2011, cap. IV, 4.3, p. 65).

Sobre a negligência, encontramos em Hugo de São Vitor que “[...] hay negligencia cuando las cosas que deben aprenderse, o directamente las dejamos de lado, o las aprendemos con muy poco interés” (HUGO DE SÃO VITOR, 2001, Livro 5, V. p. 249) e por isso há então a imprudência, pois se a dedicação se faz necessária para o aprendizado do discípulo, é necessário que este seja cuidadoso ao observar a maneira certa para aprender assim como ensina o seu mestre (Beauvais, 2011).

Acerca da terceira dificuldade ao aprender, o dominicano aponta a questão financeira quando indica que “[...] según Hugo de San Víctor se debe ayudar al discípulo, si es necesario, proveyéndole en los gastos, en los libros y en el profesor” (BEAUVAIS, 2011, cap. IV, 4.6, p. 65). É importante destacarmos que, a necessidade de prover os livros aparece como uma questão financeira, porque uma vez que naquele período, o acesso a eles era restrito devido aos gastos de todo o processo, como explica Verger (1999, p. 112):

[...] convém antes recordar que sua confecção e circulação são sempre cercadas por múltiplos obstáculos que lhes tornavam difícil o acesso. O primeiro e principal obstáculo era de ordem econômica. O livro custava caro. Esse custo vinha, antes de mais nada, do preço do suporte. Um livro requeria grande quantidade de pergaminho (de acordo com o formato do livro, obtinha-se de dez a dezesseis folhas por pele) e o pergaminho era um material oneroso. A difusão do papel *chiffon*, ocorrida na Espanha desde o século XII, na França no XIII, permitiu baixar o preço. Mas é somente no século XIV e, sobretudo no XV que o uso do papel se difundiu largamente no domínio do livro manuscrito.

Deste modo, percebemos, por exemplo, a importância dos monges copistas, como foi Beauvais, para que houvesse a expansão do ensino e acesso ao conhecimento naquele momento. O dominicano adverte ainda sobre o comportamento dos estudantes, visto que a simplicidade, a humildade e a discrição no falar não cediam espaço para a luxúria e ostentação, como alguns se comportavam. Sobre isso, Beauvais (2011, cap. IV, 4.7, p. 69-71) expõe uma passagem de Aristóteles advertindo a este respeito:

[...] esfuércese también por alejarse del fuego de la lujuria. Y de esta no evite solo las especies que consisten en la gula y en el coito, que están mutuamente entrelazadas como causa y efecto, sino también

la que se desvive por los adornos, la que se recrea con el cambio frecuente de vestidos y con el estampado distinto de cada uno, en acicalar la cabellera con ayuda del peine y las ondas del rizador, [...] en llenar el pecho de aromas, en ostentar a la gente el cuello con collares de perlas preciosas, [...] en caminar con el cuello estirado, [...] con ojos impúdicos, [...] en hacer ascos en roto a los alimentos ofrecidos y en acudir como último recurso y raras veces a la escuela.

Entendemos que para o autor, a aprendizagem era parte de um processo mais amplo, ou seja, com vistas à formação humana. Vemos neste autor que a sua preocupação com a formação tanto dos mestres quanto dos estudantes de sua época estava voltada à prática de valores morais e de comportamento daquele sujeito medieval que passava por tantas mudanças e que ao dissertar sobre como aprender, alegava também como conviver com as demais pessoas de seu meio. Sob essa perspectiva, elencou três condições: a predisposição natural do aluno em aprender; o exercício como forma de manter ativo seu modo de estudar; e a disciplina (Beauvais, 2011), que alinhava o conhecimento com os seus hábitos para manter o caráter moral que discutimos até então.

Fundamentado no terceiro livro de *Didascalicon*, de Hugo de São Vitor, Beauvais expressou, diante das dificuldades para aprender, os três requisitos acima mencionados. A inteligência e a memória como parte da disposição natural para os ensinamentos, complementavam-se: “[...] el ingenio procede de la naturaleza, se fortalece con el uso, se embota con el trabajo desmesurado y se agudiza con el ejercicio adecuado. Dos actividades ejercitan el ingenio: la lectura y la meditación” (BEAUVAIS, 2011, cap. V, 5.2, p. 75).

Como parte dos requisitos, o exercício era entendido de duas maneiras: de forma geral, consistia em realizar atividades “boas e honestas” para que o aluno não ficasse ocioso; mas, de modo específico, com relação ao ensino, “[...] escribe Tulio Cicerón: [...] ejercítese cada uno en el arte que conoce” (BEAUVAIS, 2011, cap. V, 5,3.2, p. 77). Desta forma, o discípulo desenvolveria cada vez mais sua disposição para o estudo, pois

[...] de este ejercicio con el que se agudiza el ingenio al aprender, dice también el mismo Salomón en el libro de los Proverbios 27,17: ‘El hierro se aguza con el hierro, y el hombre se pule en el trato con el prójimo’. Porque como el hierro se afila con el hierro por roce, así también el maestro agudiza la mente o ingenio del discípulo mediante la recepción de la doctrina (BEAUVAIS, 2011, cap. V, 5,6.2, p. 79).

A disciplina como terceiro requisito para o discípulo aprender é, segundo o dominicano, a prática responsável por conciliar o que se ensina com os valores voltados à sua formação. Em nosso entendimento, é com constância que o sujeito aprende a desenvolver e melhorar suas capacidades intelectuais desde criança e, a partir do conhecimento que tem, também desenvolve uma boa conduta ao ocupar seu tempo livre com boas ações, com atividades que o auxiliem em sua aprendizagem pessoal, e não com aquelas que o corrompam.

É neste sentido que Beauvais indica os pilares formativos do sujeito diante das dificuldades de aprendizagem, com base em que a criança desenvolveria a disciplina para os estudos. Deste modo, a humildade é a primeira dessas virtudes e o autor a destaca como o princípio da disciplina. Acreditamos que se deve ao fato da organização do próprio ensino da época, pois sobre esse ensino, Franco Júnior (2001) pontua que primeiramente o estudante frequentava a faculdade das Artes e aprendia as sete artes liberais para que então definisse posteriormente as outras três áreas – Direito, Medicina ou Teologia. Assim, sobre a virtude de ser humilde desde criança, o autor dominicano assevera o seguinte:

engaña a muchos el querer aparecer como sabios antes de tiempo y por eso fingen lo que no son y se avergüenzan de los que son, y por eso se apartan tanto más de la verdadera sabiduría, cuanto desean no ser sabios sino ser tenidos por tales. [...] Te conviene también que, cuando hayas logrado saber algo, no menosprecies a los demás. El buen lector debe ser humilde y pacífico, diligente y servicial [...]. Estudie com sosiego el tema antes de juzgarlo, ame las sentencias que entienda de los sabios [...] (BEAUVAIS, 2011, cap. VI, 6,2.4, p. 91).

Vemos então que, a partir da humildade outros valores eram desenvolvidos, e, constituía-se assim, a base para aprendizagem. São eles: o gosto pelo estudo; levar uma vida tranquila, “[...] de modo que sua mente não se disperse com desejos ilícitos; e também externamente, para que o ócio e o bom uso do tempo ocorram em favor de estudos honestos e úteis<sup>53</sup>” (BEAUVAIS, 2011, cap. VI, 6,4, p. 93); meditar, como parte do exercício em prol da disposição natural e de desenvolver um bom comportamento; não buscar pelo supérfluo; e estudar longe de casa, por assim dizer, porque “[...] aparta la mente del apego carnal de los padres y del cuidado de

---

<sup>53</sup> Tradução nossa.

las cosas familiares” (BEAUVAIS, 2011, cap. VI, 6,7.3, p. 97), podendo assim dedicar-se mais aos estudos sem muitas distrações.

Podemos compreender melhor essa base que Beauvais defendeu para o aprendizado dos discípulos de acordo com o que o estudioso Riu (1975) afirma sobre o ensino desse momento. Segundo ele,

[...] los estudiantes, separados de sus familias, llevaban una existencia agitada y mísera. Los de Artes, por ser más jóvenes y más numerosos, eran lo más bulliciosos. Algunos pertenecían a familias ricas, pero la mayoría tenían medios de vida muy escasos: copiaban libros o daban lecciones a los niños de familias burguesas, frecuentaban las tabernas, robaba, eran juerguistas y provocaban desórdenes, asustando a los pacíficos burgueses (RIU, 1975, p. 479).

Contra esse tipo de comportamento acima mencionado, vimos nas ideias do dominicano a importância da disciplina que empregou à formação da criança naquele período, não apenas no âmbito educacional, mas com vistas à formação enquanto sujeito, isto é, formação humana.

Ponderamos na análise dessa obra como estas ideias nos encaminham a refletir sobre a educação de nossos dias, pensando tanto a formação do professor como a do aluno, isto porque entendemos o papel do professor como responsável pelo conhecimento no processo do ensino. Como pensar uma educação com princípios formativos morais, por exemplo, sem que a própria conduta do professor não seja condizente com essa humildade que o autor expõe enquanto princípio da constância nos estudos? É neste sentido que acreditamos que os ensinamentos deste autor se fazem imprescindíveis para refletir sobre a formação docente nos dias atuais.

Não podemos deixar de concordar com Leonel (1988, p. 88) quando a autora afirma que “[...] as obras clássicas [...] sistematizam organicamente as representações que os homens fazem deles mesmos enquanto são transformados pelo mundo que transformam”, pois é o que notamos em Beauvais: sua preocupação em formar o futuro governante daquela organização social, visando o conhecimento e o comportamento do sujeito.

Quanto ao ensino relacionado ao comportamento, podemos dizer que, este, era tratado e lembrado de diferentes formas, dentre elas a arte, enquanto expressão. Como aponta Franco Júnior (2001), a arte era mais do que estética, acompanhava e

representava as mudanças do século XIII.

[...] as frequentes cenas do Juízo Final colocadas logo na entrada, lembrando que somente dentro da igreja (edifício religioso) e da Igreja (instituição) era possível a salvação. A arquitetura sólida, de largas paredes, grossos pilares e poucas janelas não era apenas resultado das limitações técnicas da época, mas sobretudo da necessidade de fazer das igrejas "fortalezas de Deus". Na mesma linha, o romântico não tinha preocupação de retratar a realidade visível, pouco importante, e sim de revelar a essência das coisas, daí o forte simbolismo daquela arte (FRANCO JÚNIOR, 2001, p. 151)

Entendemos que havia a curiosidade em contemplar a natureza e buscar por conhecimento, mas os homens temiam essa busca. No entanto, notamos que, a partir do século XII, a arquitetura antes de estilo romântico cede lugar ao estilo gótico, como afirma o autor:

[...] no gótico, arte urbana sem deixar de ser religiosa – as referências medievais sempre permaneceram ligadas ao sagrado –, o espaço da cultura vulgar era maior. O fundamental continuava a ser a arquitetura religiosa, mas as catedrais góticas contavam, para ser erguidas, com a indispensável colaboração da burguesia local e da monarquia. [...] Expressão de uma nova sociedade em formação, o gótico estava ligado à cultura que se desenvolvia nas escolas urbanas, ao pensamento que procurava harmonizar Fé e Razão. Concebia-se Deus como luz (daí os vitrais) e valorizava-se seu lado humano (daí o culto à Virgem). A natureza passava a ser vista como parte essencial da Criação [...]. Essa postura revelava tanto uma nova sensibilidade (cujas melhor expressão é São Francisco) quanto uma nova preocupação intelectual, cuja melhor expressão é a retomada de Aristóteles. O gótico estava exatamente nesse equilíbrio entre coisas tão diferentes como as representadas pelo santo e pelo filósofo (FRANCO JÚNIOR, p. 152).

Desta forma, vemos uma representação por meio da arte sobre o que acontecia com a educação: a aproximação do discípulo com leituras que não fossem as das Escrituras Sagradas foram ampliadas e, portanto, deveriam ser orientadas pelo mestre. Assim, o que analisamos nos capítulos XII e XIII é que Vicente de Beauvais explica sobre a afeição do discípulo pelo estudo e argumenta sobre as intenções deste com relação ao ensino.

Neste raciocínio, consideramos a importância da disciplina durante a formação da criança por entendermos que o caminho para o conhecimento não se dava apenas por meio da fé cristã, mas também por meio da razão. Logo, a

constância nos estudos era essencial para que o aprendiz não perdesse a fé e chegasse à sabedoria prevista para aquela etapa de seu ensino. Ao mencionar Santo Agostinho, Beauvais (2011, cap. XII, 12,1.2, p. 161) afirma: “[...] porque nadie puede amar cosa alguna totalmente desconocida, se debe reflexionar de qué índole es el amor de los estudiantes, esto es, de los que aún no conocen alguna doctrina”.

O dominicano cita, também, o sermão XXXVI de Bernardo de Claraval para explicar a finalidade do conhecimento e classificar as intenções dos estudantes:

Hay quienes quieren saber por el único fin de saber; esto es torpe curiosidad. Otros, por el fin de darse ellos mismos a conocer; de estos se ríe el poeta satírico (Persio): ‘Tu saber es nada, si outro no sabe que tú lo sabes’; esto es vergonzosa vanidad. Otros, para vender la ciencia por dinero o por honores; esto es vergonzoso lucro. Otros, sin embargo, aprenden para edificar a los demás; esto es caridad. Otros, para su propia edificación; esto es prudencia (BEAUVAIS, 2011, cap. XIII, 13,1.1, p. 175).

De acordo com o dominicano, estudar por curiosidade compreendia dois fatores: o discípulo que desejava alcançar o maior número de leituras não tinha paz consigo mesmo, pois no desejo de estudar muitas coisas, não se dedicava ao conhecimento de cada uma com atenção e dedicação, o que o impedia de chegar à sabedoria (Beauvais, 2011). Outro fator, uma desvantagem dessa curiosidade excessiva, era estudar o desconhecido, pois “[...] este tipo de curiosidad suele com frecuencia engendrar herejías entre aquellos que se afanan por investigar sin medida los secretos de la fe” (BEAUVAIS, 2011, cap. XIII, 13,4.2, p. 179).

Devemos lembrar que o ensino desse período ainda era responsabilidade da Igreja e, por isso, o autor alerta sobre o terceiro tipo de curiosidade de alguns estudantes:

[...] se dice en el libro del Eclesiástico 3,22-23: “No indagues lo que está sobre ti, y no escudriñes lo que es más fuerte que tú; por el contrario ten el pensamiento siempre en lo que te ha mandado Dios y no seas curioso en la mayoría de sus obras, porque no necesitas ver con tus ojos las cosas que son misteriosas” (BEAUVAIS, 2011, cap. XIII, 13.5, p. 181).

Com este entendimento, é possível então analisar o que o autor categorizou como as facetas da sabedoria, ou seja, seu caráter divino para que o estudante, tendo disciplina, se mantivesse disposto em progredir cada vez mais no

conhecimento que o aproximaria de Deus. Primeiro, defende seu caráter de honra, pois, como “[...] canta el poeta [...]: ‘El conocimiento allega amistades y el conocimiento de honores’. [...] Ninguna ocupación es más honorable para el hombre racional que la empleada en el estudio de la sabiduría” (BEAUVAIS, 2011, cap. XII, 12,2.3, p. 163). Em segundo lugar, indica que a sabedoria também é valiosa e duradoura, conferindo ao homem a mansidão, pois é a partir de seu esforço, com disciplina, que este chega ao conhecimento, este que ninguém pode lhe tirar, pois lhe é inerente. E por fim, o autor esclarece sobre a serventia da sabedoria:

[...] la semilla de la doctrina, antes de brotar y de aprovechar abiertamente, está aprisionada por la dureza del trabajo y la disciplina: como la semilla material, una vez sembrada, está comprimida por la dureza del hielo. Por eso vemos a diario a niños que con azotes y amenazas son obligados a aprender contra su voluntad, los cuales después, al conocer el fruto de la doctrina, casi se descerebran estudiando, sin que nadie les obligue, en París. Porque la doctrina de la sabiduría es como la nuez, que exteriormente tiene la corteza amarga, y después dentro de su dura cáscara tiene un fruto dulce y suave (BEAUVAIS, 2011, cap. XII, 12,5.2, p. 169).

Diante disso, compreendemos que a sabedoria enquanto conhecimento seria a responsável pela boa conduta do nobre, por seu bom comportamento. Quando dissertamos acerca dos impedimentos no percurso do aprendizado, vimos em Beauvais (2011) que os sete vícios do homem o impediam sobremaneira de obter o conhecimento de modo que colaborasse com a sua formação em totalidade. E é neste sentido que entendemos que o dominicano apresenta os quatro frutos da sabedoria, colaborando assim para que o nobre aprendesse.

Possuindo este conhecimento, segundo o autor, não haveria espaço em sua natureza para os sete pecados antes citados; por seu caráter de mansidão, a alma do discípulo se mantém sempre alegre; por ser suave, permite que este busque o consolo nas Escrituras Sagradas e tenha o ânimo sempre tranquilo.

Finalizando a análise da obra, é importante destacar novamente que as ideias de Vicente de Beauvais aqui elencadas são voltadas às crianças iniciantes e aos jovens de sua época. Vergara (2011, p. 159) corrobora com esta ideia ao afirmar que: “[...] [Beauvais] se ciñó a los [...] incipientes y proficientes, que englobarían un abanico de edad entre 14 y 19 años. Se trataba de los discípulos que por su juventud e inexperiencia exigían más que otros la demanda de maestro”.

Tratamos até então das ideias que o dominicano elencou sobre as dificuldades de natureza do discípulo e os exteriores a si; e também sobre o que considerou com relação à constância, isto é, à disciplina enquanto elemento do ensino para se obter a sabedoria, não nos esquecendo que, especificamente nessa obra, ele faz um tratado para o príncipe. A partir disso, temos as últimas ideias a serem tratadas aqui com relação a sua proposta de ensino de maneira mais didática, pois se referem não apenas aos proficientes, mas aos adiantados também.

Os capítulos da segunda etapa (primeira parte de “A formação literária dos filhos”) compreendem os *Exercicios didácticos de los proficientes y aventajados* e estão divididos da seguinte forma: leitura, escrita, meditação e debate. Neste momento da obra, o autor retoma a importância da ordem da leitura ao se dedicar primeiramente às artes liberais; trata das vantagens da meditação neste processo do ensino; expõe aos discípulos avançados como deveria ser a prática da escrita e sua postura diante dos debates.

Para Beauvais (2011, cap. XIV, 14,1.2, p.193), “[...] el alumno aventajado, esto es, el que ya se ha ejercitado algún tanto en la comprensión de los textos escritos, debe poco a poco ejercitarse por su cuenta, leyendo, meditando, escribiendo y debatiendo, es decir, preguntando o respondiendo”. Neste sentido, afirma que para o exercício da leitura, que se complementa com a meditação, o discípulo deve selecionar os escritos sintetizados e que lhes forem mais úteis (Beauvais, 2011) para que possa memorizar com mais facilidade, “[...] porque como dice Hugo de San Víctor [...] ‘la memoria del hombre es limitada y goza con la brevedad’.

Se antes vimos que o mestre, em suas qualidades, deveria ser objetivo em suas palavras a fim de contribuir na compreensão do discípulo, acreditamos que aqui, o aluno, ao realizar o exercício da leitura, deve lembrar da postura de seu mestre e ser objetivo ao fazê-lo.

Com relação à prioridade de leitura no ensino, o dominicano destaca: “[...] me parece que primero hay que dedicarse a las artes, sobre todo a las siete liberales, que son el fundamento de toda doctrina. Luego, si queda tiempo, léanse otras materias, pues lo divertido mezclado con lo serio suele a veces deleitar más” (BEAUVAIS, 2011, cap. XIV, 14.5, p.197-199). Relacionando esse conceito da leitura com a meditação, isto é, o ato de refletir sobre os ensinamentos, o dominicano diz que é preciso moderação para que esse exercício não comprometa o

descanso do discípulo, isto é, “[...] prográmense los tiempos de estudio y de sueño, para que no se ceda al sueño en el tiempo reservado al estudio, ni en el tiempo debido al sueño se insita en la lectura o en el estudio” (BEAUVAIS, 2011, cap. XVII, 17,3.2, p. 235).

Tendo em vista esses cuidados, o autor também recorre a Sêneca para advertir sobre o zelo que o discípulo deveria ter com relação a outras leituras:

[...] como dice Séneca en la LXXXVIII de las *Cartas morales a Lucilio*, “es posible alcanzar la sabiduría sin los estudios liberales”. “Pero cualquier parte de la realidad humana y divina que acometas, te verás abrumado por una enorme cantidad de cosas que tienes que preguntar y aprender. A fin de que estos conocimientos, tan numerosos y importantes, puedan tener libre acogida en tu alma, debes eliminar de ella lo superfluo [...]” (BEAUVAIS, 2011, cap. XIV, 14.6, 199).

A este respeito, é válido salientar porque o ensino era advertido dessa forma, com relação à leitura de outros escritos que não fossem os conteúdos já estabelecidos (os conhecimentos organizados em *trivium* e *quadrivium*). Para isso, nos respaldamos em Verger (1999, p. 70) a respeito do propósito do ensino enquanto responsabilidade da Igreja naquele momento:

[...] mas, no conjunto, a Igreja em suas diversas instâncias (ordens religiosas, bispos, papas), as cidades, os príncipes preocuparam-se em criar escolas e em controlá-las. Essa aposta política era, antes de tudo, de ordem ideológica. Tratava-se de garantir a conservação e a difusão de um certo número de saberes, sempre resguardando a ortodoxia e se opondo ao desenvolvimento de outros saberes julgados ilegítimos ou perigosos. Mas tratava-se, ainda mais, de garantir as condições favoráveis para a formação de gente instruída e competente das quais a Igreja, as cidades ou os príncipes julgavam ter necessidade, fosse diretamente para seus serviços, fosse, ao menos, para um funcionamento harmonioso da sociedade.

Por isso, consideramos que a ideias sobre escrita e debate em Beauvais estão de acordo com o que o autor acima mencionou, pois enquanto caráter prático, permitia que o discípulo convivesse em sociedade, com seus pares, e desenvolvendo seu aprendizado pautado nos princípios morais que o dominicano apontou como indispensáveis à formação durante este.

Para o exercício da escrita, Beauvais (2011) indica que haja equilíbrio da escrita com a leitura e a meditação, pois “[...] aunque la mayoría de las veces el

escribir deleita al estudioso y alivia el cansancio, no obstante, si se hace de manera continuada, embora el ingenio. [...] La lectura alimenta el ingenio [...]. No debemos ni solo escribir ni solo leer” (BEAUVAIS, 2011, cap. XVIII, 18,1.1, p. 239). Desta forma, para que praticasse a escrita o discípulo deveria escrever suas próprias reflexões ou sobre outros textos. Sobre este último, o autor se referia a corrigir erratas de alguns textos, realizar a transcrição e seleção de alguns destes, traduzi-los e também tecer comentários; isso a fim de auxiliar a interpretação do discípulo. Em outras palavras,

el mejor lector es aquel que espera alcanzar la comprensión de un escrito desde el mismo escrito, y no la impone, la deduce y no la induce, y no fuerza a que parezca que en el escrito se encierra lo que él, antes de su lectura, juzgó que se tenía que entender. Baste esto acerca del ejercicio de escribir sobre dichos o escritos ajenos (BEAUVAIS, 2011, cap. XVIII, 18,7.2, p. 247-249).

Outro modo de praticar a escrita, de acordo com o autor, é por meio das anotações diárias que o discípulo faz sobre o que lhe é ensinado, as anotações pessoais ou os escritos “públicos” feitos pelos mais avançados no ensino para uso comum (Beauvais, 2011). Mas vale ressaltar que são necessários alguns requisitos para que isso seja possível, sendo estes relacionados com o que o dominicano propôs como forma de comportamento para o discípulo. Se antes, na infância, a criança deveria ser humilde e aprender a ser objetiva, por exemplo, entendemos que esses elementos seriam refletidos futuramente em suas habilidades com relação à fala e à escrita.

Para Beauvais, era necessário que o discípulo tivesse maturidade, por isso esse exercício da escrita é voltado aos avançados no ensino; que soubesse expressar a verdade com relação aquilo que é escrito, visto que “[...] es vergonzoso sentir una cosa y decir otra; cuánto más indecente será escribir una y sentir otra!” (BEAUVAIS, 2011, cap. XIX, 19,2.2, p. 253); que fosse objetivo com relação ao que pretende expor; mas acima de tudo que os discípulos tivessem humildade na prática deste exercício para que “[...] no se enorgullezca de los propios escritos, que no pretenda darles autoridad, que soporte con paciencia e incluso con amabilidad la crítica de los demás y que no envidie los ajenos” (BEAUVAIS, 2011, cap. XIX, 19,3.0, p. 255-257).

O dominicano aponta ainda, a necessidade de que os discípulos tivessem

liberdade no sentido de expressar a verdade em seus escritos, isto é, oportunidade para tal; equilíbrio, pois "[...] escribir cosas vanas es jactancia, callar las necesarias es desdén" (Idem, 19,4.3, p. 257); e discricção, isto é, que houvesse moderação ao escrever, pois "[...] en un tema evidente aburre ser prolijo. Pero en cuestiones difíciles es valioso un esfuerzo más prolongado" (BEAUVAIS, 2011, cap. XIX, 19,4.4, p. 257).

Conforme Le Goff (2006, p. 118), é válido lembrar que:

[...] o segundo estágio da escolástica é a dialética, conjunto de procedimentos que fazem do objeto do saber um problema, que os dialéticos expõem, defendem sua solução contra os opositores, resolvem-no e convencem o ouvinte ou o leitor. o perigo aqui é o raciocínio vazio - não mais o verbalismo, porém a verborragia. À dialética é preciso dar um conteúdo não apenas de palavras mas, de pensamento eficaz.

Desta maneira, temos em Beauvais (2011) o quarto exercício dedicado aos proficientes e avançados no ensino que diz respeito ao debate. O dominicano elenca três condições para que o debate aconteça. A primeira é que os participantes estejam dispostos a buscar, por meio de perguntas e respostas, apenas a verdade, visto que "[...] no se puede buscar mejor la verdad que preguntando y respondiendo" (BEAUVAIS, 2011, cap. XX, 20,2.2, p. 261). Além disso, é necessário que os participantes tenham conhecimento do que se propõe a discutir, pois, nas palavras do autor: "[...] en Teología es necesario este orden: que el debate o indagación arranque de una fe sólida. Dice san Jerónimo en el *Diálogo contra los Luciferanos*: 'Es completamente ridículo el aserto: disputar sobre la fe antes de creer'" (BEAUVAIS, 2011, cap. XX, 20,3.2, p. 265).

Contudo, a terceira condição diz respeito à seriedade e tranquilidade dos participantes no sentido de, se necessário, explicar o que os ouvintes não entenderam. Em suas palavras: "[...] suele as veces decirse una cosa de una manera y entenderse de otra, bien porque se expresa con poca nitidez, bien porque se oye con poca atención" (BEAUVAIS, 2011, cap. XX, 20,4, p. 267). O que entendemos, portanto, é que residem neste exercício as ideias sobre a prática dos bons costumes e das dificuldades antes elencadas com relação ao discípulo.

Nesse caso, não basta apenas saber a verdade e ter sabedoria para a discussão; é necessário que o debate seja realizado quando o discípulo tiver em

seus ensinamentos os valores até então discutidos, para que haja, antes de tudo, o respeito entre os participantes.

De acordo com a análise feita até aqui, notamos a importância que Beauvais conferiu à relação entre o mestre e o aluno, pois esta era imprescindível para o ensino de seu tempo e isso se fazia desde a escolha do preceptor para as crianças nobres, isto é, o mestre que seria o responsável por conduzir os discípulos no ensino que constituiria a sua formação humana. A partir do momento que Beauvais afirma sobre a submissão das crianças ao seu mestre, no processo de ensino, vemos que este princípio ocorre devido ao fato de que estas crianças seriam como espelho para os demais homens daquele tempo.

#### 4.2 UMA PROPOSTA QUE ENFATIZA OS VALORES MORAIS E A FORMAÇÃO HUMANA

Após apresentarmos por meio de uma análise as principais ideias de Vicente de Beauvais a respeito da formação dos filhos dos nobres de seu tempo, conferindo ao mestre as qualidades que deveria possuir para ensinar e apresentando os requisitos que o discípulo precisaria desenvolver para que acontecesse a aprendizagem, nos propusemos em tecer algumas considerações sobre o ensino, enfatizando o conhecimento como elemento fundamental para a formação humana.

Percebemos a partir dos conceitos apresentados pelo autor que o ensino, em sua complexidade, é um processo que hoje demanda, cada vez mais, estudos e reflexões para entendermos a defasagem que recai na formação do professor. Porém, independente do período, o ensino requer um sujeito que ensine e outro que aprenda.

Entendemos que o homem, enquanto ser histórico produz coisas novas a cada dia que passa e, assim, é tido como objeto de estudo, de acordo com a perspectiva da História Social com a qual fundamentamos nosso estudo. Vimos na obra traduzida pelo estudioso Javier Vergara que Beauvais mostrou o que é o ensino e a aprendizagem e a importância do conhecimento ao tratar de valores éticos e morais, sendo este conhecimento o elemento para a formação integral do indivíduo. Sua preocupação em formar o discípulo, desde sua infância, se deve ao fato de escrever para os mestres dos nobres, filhos de Luís IX.

Como vimos no presente estudo, na seção “4.1 Disposição natural, disciplina e exercício como norteadores do processo de formação”, o dominicano elencou requisitos para que o estudante adquirisse conhecimento e o praticasse, fosse por meio da leitura, escrita ou debate. Em suas palavras, “[...] hay que formar al niño desde la infancia, conforme al dicho de Ovidio en el libro primero del *Arte de amar*: ‘En el niño la edad es blanda y fácil de orientar’” (BEAUVAIS, 2011, cap. XXIII, 23,4, p. 297). Ao concordarmos com a assertiva, também refletimos sobre o conhecimento para a infância de nossos dias, pois, em decorrência de uma precariedade na organização do ensino e na própria formação, há pouca preocupação em formar a criança para participar da sociedade e se relacionar com os demais indivíduos de seu meio.

Desta forma, assim como a teoria não se faz sem a prática, em Beauvais notamos que o ensino e a aprendizagem não se realizam sem o devido conhecimento que transforma o comportamento do indivíduo. Quando analisamos as qualidades elencadas tanto para o mestre como para o discípulo, vimos que o autor buscou formar a criança desde cedo para o seu meio com um comportamento moral e ético, alcançados por meio desse processo de ensino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, compreendemos de acordo com as ideias de Vicente de Beauvais, na obra *Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles*, a importância do conhecimento na formação humana de cada indivíduo, por meio de questões morais e pela prática de hábitos virtuosos.

Com a análise feita desde os dados biográficos do autor aos princípios que elencou sobre a formação dos filhos dos nobres no século XIII, entendemos que independente do período e de suas transformações sociais, econômicas e culturais, o ensino deve ser sempre pensado e priorizado durante a formação dos mestres. Isso porque apesar de dedicar poucos capítulos da obra diretamente para os preceptores das crianças, Beauvais exemplificou que, antes do conhecimento a ser ensinado, cabe ao professor uma postura e um comportamento que sejam condizentes com os conhecimentos que possui.

Podemos inferir a este respeito quando retomamos os próprios dados biográficos do autor: a Ordem dos Pregadores da qual fez parte priorizava, antes da pregação, a formação de seus membros, uma vez que o conhecimento é o elemento fundamental para a formação humana.

Encontramos em seus ensinamentos, por meio da metodologia de estudo da História Social, que o conhecimento não é apenas produzido historicamente, mas que o homem deve se apropriar dele para se compreender no mundo. Para isso, a formação desse sujeito deve propiciar, por meio do processo de ensino e aprendizagem, essa aquisição dos conhecimentos.

Também vimos que para que este processo seja viabilizado, devemos ter clareza do papel fundamental do professor, sendo ele mesmo o responsável pelos ensinamentos, não apenas conduzindo as crianças passivamente, nem impondo o conhecimento sem considerar suas dúvidas e dificuldades.

São questões de extrema importância que nos fez refletir sobre a própria prática docente – dentro e fora de sala de aula, se considerarmos o que o autor ensina tanto sobre a postura deste profissional, como do aluno. Na Educação Infantil, por exemplo, é nítida a necessidade de estar em constante diálogo com os pequenos com clareza, viabilizando conversas para que este possa ampliar seu vocabulário. Mas são questões que não nos ocorrem no Ensino Superior, por isso também vimos que a prática docente deve levar em conta a formação humana para

que possa formar esse sujeito em sua totalidade no que diz respeito aos conhecimentos teóricos e de cunho moral.

Ponderamos deste modo que assim como almejamos uma educação que desenvolva o aluno de uma maneira crítica e com virtudes, essa educação precisa ser antes desenvolvida em nós: educadores e responsáveis pelo ensino.

## REFERÊNCIAS

### I. FONTES

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Os pensadores, v.2. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Disponível em: <<https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/12/%C3%89tica-a-Nic%C3%B4maco.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

BEAUVAIS, Vicente de. **De eruditione filiorum nobilium**. 1246. Coleção *Scriptorum mediaevalium et renascentium*. Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.

HUGO DE SAN VÍCTOR. **El afán por el estudio**. *Didascalicon de studio legendi*. Madrid: BAC, 2011.

### II. OBRAS CONSULTADAS

BATISTA NETO, Jônatas. **História da Baixa Idade Média: 1066-1453**. Lisboa: Universitária Editora, 2004.

### III. ESTUDO

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou o Ofício de historiador. TELLES, André (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **A sociedade feudal**. Lugar da História. Lisboa: Edições 70, 1982. Disponível em: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

CARPINETTI, L. C. L. **O aspecto polêmico da apologia de Jerônimo contra Rufino**. 2003. 252 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-01122003.../TDELuisCarpinetti.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-01122003.../TDELuisCarpinetti.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2018.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A Escola Nova no Brasil: uma perspectiva de estudo. **Revista Educação em Questão**, v. 21, n. 7, set./dez. 2004. p. 90-97. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/download/8382/6040>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DUBY, Georges. **As três ordens** – ou o Imaginário do Feudalismo. DIAS, Maria H. C. (Trad.). Nova História. 2. ed. (s.l.). Editorial Estampa, 1994.

FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média**. Nascimento do Ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **História Antiga**. São Paulo: Contexto, 2014. 174 p.

KAEPELI, Thomas. *Scriptores Ordinis Praedicatorum*. v. 4, p. 454-455. In: VERGARA, Javier. **Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. CLASEN, Jaime A. (Trad.). Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Os intelectuais na Idade Média**. CASTRO, Marcos de (Trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

\_\_\_\_\_. **O apogeu da cidade medieval**. DANESI, Antônio de Padua (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1992. 233 p. Disponível em: <<http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **O Deus da Idade Média**. Conversas com Jean-Luc Pouthier. CASTRO, Marcos de (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 127 p.

\_\_\_\_\_. **La civilización del Occidente medieval**. Ediciones Paidós. 4. Barcelona: A&M, 1999. 345 p. Disponível em: <<https://archive.org/details/LeGoffJacquesLaCivilizacionDelOccidenteMedieval1964>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. **O homem medieval**. 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LEONEL, Zelia. **Para ler os clássicos**. Lições de Montaigne. **Revista Intermeio**. Campo Grande, v. 4, p. 86-95, 1998.

MEDEIROS, Eduardo Luiz de. **De Filipe II a Filipe Augusto, uma análise da estruturação do poder régio nos territórios da monarquia francesa entre os anos 1180 e 1223**. 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40621>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

MIATELLO, André Luis Pereira. O reino sob o olhar do pregador: Vicente de Beauvais e a realeza no século XIII. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 32, n. 63, p. 225-246, 2012. Disponível em: <[http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=64](http://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=64)>. Acesso em: 15 mai. 2018.

OLIVEIRA, Terezinha. Universidade, cidade e liberdade no século XIII: uma perspectiva de análise da história da educação. **Revista Avaliação**, Campinas, v.18, n.2, p. 261-276, jul. 2013. Disponível em: <<http://submission.scielo.br/index.php/aval/article/view/66435/8264>>. Acesso em: 14 jul. 2018.

PARMEGIANI, R. F. Sobre a melhor maneira de traduzir: São Jerônimo e o mundo editorial latino na Antiguidade Tardia. 95-109p. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Visões de mundo da Antiguidade e Medievo**: abordagens históricas. Aracaju: Edunit, 2016.

PERIN, C. S. B.; SANTIAGO, V. P. Hugo de Saint-Victor: considerações de um clássico sobre questões educacionais. **Imagens da Educação**, v.6, n.3, p. 107-116, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/>>. Acesso em: 19 mai. 2018.

PIRATELI, M. R.; MELO, J. J. P. Definições de livre arbítrio e graça em Agostinho de Hipona: subsídios para a moral na Antiguidade Cristã. 75-85p. In: OLIVEIRA, T.; SILVA, E. C. (Org.). **Pesquisas em Antiguidade e Idade Média**: olhares interdisciplinares. v. V. São Luís: Uema, 2016. 174 p.

PIZOLI, R. C. Poder eclesial e secular no século XII: a visão de Bernardo de Claraval. 87-96p. In: OLIVEIRA, T.; SILVA, E. C. (Org.). **Pesquisas em Antiguidade e Idade Média**: olhares interdisciplinares. v. V. São Luís: Uema, 2016. 174 p.

RIU, Manuel. **Lecciones de historia medieval**. 4. ed. Barcelona: Editorial Teide, 1975.

VERGARA, Javier. **Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2011.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. BOTO, Carlota (Trad.). Bauru: EDUSC, 1999. 284p.